

DESENVOLVIMENTO HUMANO

RELATÓRIO DE 2021/2022
SÍNTESE



**Tempos incertos,
Vidas instáveis:
Construir o futuro
num
mundo em transformação**

Copyright @ 2022

do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
1 UN Plaza, New York, NY 10017 USA

Todos os direitos reservados. Nenhum excerto desta publicação poderá ser reproduzido, armazenado num sistema de recuperação ou transmitido sob qualquer forma ou por qualquer meio, nomeadamente, eletrónico, mecânico, de fotocópia, de gravação ou outro, sem permissão prévia.

Declarações gerais de exoneração de responsabilidade. As designações empregues e a apresentação do material desta publicação não implicam a expressão de opinião alguma por parte do Gabinete do Relatório do Desenvolvimento Humano (GRDH) do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) em relação ao estatuto jurídico de qualquer país, território, cidade ou área nem das respetivas autoridades, nem a respeito da delimitação das respetivas fronteiras ou limites. As linhas pontilhadas e tracejadas nos mapas representam linhas fronteiriças aproximadas, para as quais poderá ainda não haver um consenso.

As conclusões, análises e recomendações do presente Relatório, à semelhança dos anteriores Relatórios, não representam a posição oficial do PNUD nem de qualquer dos Estados-membro da ONU que integram o seu Conselho Executivo. Não são, ademais, necessariamente subscritas pelas pessoas mencionadas nos agradecimentos ou citadas.

A referência a empresas específicas não implica que sejam apoiadas nem recomendadas pelo PNUD em detrimento de outras de índole equiparável que não sejam mencionadas.

Alguns dos números que constam da parte analítica do relatório foram, nos casos em que tal é indicado, estimados pelo GRDH ou por outros contribuidores para o Relatório e não constituem, necessariamente, as estatísticas oficiais do país, da área ou do território em causa, que poderá recorrer a métodos alternativos. Todos os números que constam do Anexo Estatístico provêm de fontes oficiais. O GRDH tomou todas as precauções razoáveis para verificar as informações que constam da presente publicação. Todavia, o material publicado é distribuído sem qualquer garantia de índole alguma, quer explícita quer implícita.

A responsabilidade pela interpretação e utilização do material incumbe ao/à leitor(a). Em caso algum o GRDH e o PNUD serão responsáveis por prejuízos decorrentes da sua utilização.

Impresso nos EUA por AGS, RR Donnelley, com papel livre de cloro elementar certificado pelo Forest Stewardship Council. Impresso com tinta à base de óleos vegetais.

DESENVOLVIMENTO HUMANO

RELATÓRIO DE 2021/2022

SÍNTESE



Tempos incertos,
Vidas instáveis:
Construir o futuro
num
mundo em transformação

Relatório do Desenvolvimento Humano de 2021/2022

O Relatório do Desenvolvimento Humano de 2021/2022, é o mais recente de uma série de Relatórios do Desenvolvimento Humano Globais publicados pelo PNUD desde 1990, como uma análise independente e intelectual e empiricamente fundamentada das principais questões, tendências e políticas do desenvolvimento.

Encontram-se disponíveis online recursos suplementares relacionados com o Relatório do Desenvolvimento Humano de 2021/2022, em <http://hdr.undp.org>. Os recursos consultáveis na página Web incluem versões digitais e traduções do Relatório e da síntese em mais de 10 línguas; uma versão Web interativa do Relatório; uma série de documentos de investigação e de artigos de opinião e análise sobre o desenvolvimento humano encomendados, tendo em vista a elaboração do Relatório; visualizações interativas e bases de dados, contendo indicadores de desenvolvimento humano, explicações integrais das fontes e metodologias usadas nos índices compostos do relatório; informações dos países e outro material de base; e os anteriores Relatórios do Desenvolvimento Humano de cariz global, regional e nacional. Estão igualmente disponíveis online correções e adendas.

A capa tem como objetivo projetar a sensação de incerteza que perturba vidas em todo o mundo.



**RELATÓRIO DO DESENVOLVIMENTO
HUMANO 2021/2022**

SÍNTESE

Tempos incertos, vidas instáveis

Construir o futuro num mundo em transformação

Equipa

Diretor e autor principal

Pedro Conceição

Investigação e estatística

Cecilia Calderón, Fernanda Pavez Esbry, Moumita Ghorai, Yu-Chieh Hsu, Ghida Ismail, Christina Lengfelder, Brian Lutz, Tasneem Mirza, Rehana Mohammed, Josefin Pasanen, Som Kumar Shrestha, Heriberto Tapia, Carolina Rivera Vázquez, Yuko Yokoi e Yanchun Zhang

Produção, digital, comunicações, operações

Rezarta Godo, Jon Hall, Seockhwan Bryce Hwang, Admir Jahic, Fe Juarez Shanahan, Sarantuya Mend, Ana Porras, Dharshani Seneviratne, Carolina Given Sjolander e Marium Soomro

Prefácio

Estamos a viver tempos incertos. A pandemia de Covid-19, agora no seu terceiro ano, continua a produzir novas variantes. A guerra na Ucrânia ecoa em todo o globo, causando um sofrimento humano imenso, incluindo uma crise de custo de vida. As catástrofes climáticas e ecológicas são uma ameaça diária.

É assaz sedutor ver as crises como uma situação pontual, esperando naturalmente por um regresso ao normal. Contudo, esconder o último incêndio ou alimentar o último demagogo será um jogo impossível de ganhar a menos que nos consciencializemos de que o mundo está a mudar profundamente. Não é possível voltar atrás.

Os níveis de incerteza estão a aumentar e a interagir para perturbar as nossas vidas de formas sem precedentes. Já enfrentámos doenças, guerras e disrupções ambientais no passado. Mas a confluência das desestabilizadoras pressões planetárias com o crescimento das desigualdades, as profundas transformações sociais para aliviar essas pressões e a polarização generalizada apresentam fontes novas, complexas e interativas de incerteza para o mundo e para todos os que o habitam.

É o novo normal. Compreender e dar resposta são os objetivos do Relatório do Desenvolvimento Humano de 2021/2022, *Tempos incertos, vidas instáveis: Construir o futuro num mundo em transformação*. Encerra uma trilogia de Relatórios que começa com o Relatório de 2019 sobre as desigualdades, seguido do Relatório de 2020 sobre os riscos do Antropoceno, onde a Humanidade se tornou uma das principais forças motrizes das perigosas mudanças planetárias.

Há trinta e dois anos, o primeiro Relatório do Desenvolvimento Humano declarou corajosamente que: “as pessoas são a verdadeira riqueza das nações”. Esta poderosa afirmação guiou a PNUD e os seus Relatórios do Desenvolvimento Humano desde então, com as suas mensagens e significados a ganharem contornos mais complexos ao longo do tempo.

Atualmente, um pouco por todo o mundo, as pessoas referem sentir-se cada vez mais inseguras. O Relatório Especial sobre a Segurança Humana do PNUD, divulgado no início deste ano, revela que seis em cada sete pessoas em todo o mundo se sentem inseguras sobre diversos aspetos das suas vidas, mesmo antes da pandemia de Covid-19.

É de admirar, então, que muitas nações estejam a desconjuntar-se sob a tensão da polarização, do extremismo político e da demagogia, todas sobrecarregadas pelos meios de comunicação social, inteligência artificial e outras tecnologias poderosas?

Ou que, numa espantosa inversão de apenas uma década, o recuo democrático dos países se tenha tornado a regra e não a exceção?

Ou que, numa primeira fase surpreendente, o valor do Índice de Desenvolvimento Humano global diminuiu durante dois anos consecutivos, na sequência da pandemia de Covid-19?

As pessoas são a verdadeira riqueza das nações, mediadas através das nossas relações com os governos, o habitat natural e uns com os outros. Cada nova crise relembra-nos que quando as capacidades, escolhas e esperanças das pessoas de futuro se sentem goradas, o bem-estar das nações e do planeta é o dano colateral.

Imaginemos o inverso: como seriam as nações e o planeta se ampliássemos o desenvolvimento humano, incluindo a agência e as liberdades das pessoas. Seria um mundo onde a criatividade é libertada para redefinirmos o futuro, para renovarmos e adaptarmos as instituições, para criarmos novas histórias sobre quem somos e o que valorizamos. Não seria apenas uma forma de estar agradável, mas imprescindível num mundo em contínuo e imprevisível movimento.

Vislumbrámos o que é possível com a pandemia de Covid-19. Um conjunto de novas vacinas, incluindo algumas baseadas em tecnologia revolucionária, salvaram cerca de 20 milhões de vidas num ano. É necessário refletir sobre esse feito extraordinário nos anais da humanidade. Igualmente extraordinário é o número de vidas desnecessariamente perdidas, especialmente em países de baixo e médio rendimento, devido ao acesso altamente desigual às vacinas. A pandemia foi uma lembrança dolorosa de como as quebras de confiança e de cooperação – entre e dentro das nações – constroem insensatamente o que podemos alcançar juntos.

O herói e o vilão na história atual de incerteza são um só: a escolha humana. É demasiado fácil encorajar as pessoas a procurar por sinais de esperança ou afirmar que o copo está meio cheio em vez de meio vazio, pois nem todas as escolhas são iguais. Alguns, – sem dúvida os mais importantes para o destino da nossa espécie – são impulsionados pela inércia institucional e cultural, construídas ao longo de várias gerações.

O Relatório deste ano convida-nos a olhar atentamente para suposições demasiado simplistas e rígidas sobre a tomada de decisão. As instituições assumem a confusão das pessoas: as nossas emoções, os nossos preconceitos, o nosso sentido de pertença, por nossa conta e risco.

Tal como com os seus predecessores, o Relatório também desafia as noções convencionais de “progresso”, que têm assentado em compromissos e trocas desvantajosas. Ganhos em algumas áreas, como em anos de escolaridade ou esperança de vida, não compensam as perdas noutras, como no sentido de controlo das pessoas sobre as suas vidas. De igual modo, também não podemos disfrutar da riqueza material à custa da saúde planetária.

O Relatório posiciona firmemente o desenvolvimento humano não apenas como um objetivo, mas como um meio para um caminho a seguir em tempos incertos, recordando que as pessoas – em toda a sua complexidade, a sua diversidade, a sua criatividade – são a verdadeira riqueza das nações.



Achim Steiner

Administrador

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

Agradecimentos

Vivemos num mundo preocupante: a pandemia de Covid-19 em curso, os conflitos regionais e locais permanentes, as tempestades recorde, incêndios e tempestades. Diversos relatórios documentam estes desafios e iniciativas e oferecem recomendações sobre como os enfrentar, mas, este ano, o Relatório do Desenvolvimento Humano convida-nos a recuar um passo. Em vez de serem encarados separadamente, muitos desses desafios podem constituir manifestações preocupantes de um novo e emergente complexo de incerteza, com potencial para desestabilizar vidas em todo o globo. O Relatório do Desenvolvimento Humano de 2019 explorou as desigualdades no desenvolvimento humano, o Relatório do Desenvolvimento Humano de 2020 focou-se na forma como essas desigualdades impulsionam e são exacerbadas pelas perigosas alterações planetárias do Antropoceno e o Relatório Especial de 2022 sobre a Segurança Humana examinou a emergência de novas formas de insegurança. O Relatório do Desenvolvimento Humano de 2021/2022 não só agrega como também estende estas discussões assumindo como tema a incerteza – como está a mudar, o que significa para o desenvolvimento humano e como podemos prosperar face a esta realidade. Os efeitos prolongados da pandemia tornaram a preparação deste Relatório um desafio, nomeadamente devido a atrasos na disponibilização de dados fundamentais. A conclusão do Relatório só se tornou possível graças ao encorajamento, generosidade e contributo de tantas pessoas, que reconhecemos, ainda que apenas de modo imperfeito e parcial, nestes agradecimentos.

Os membros do nosso Conselho Consultivo, liderados por Michèle Lamont e Tharman Shanmugaratnam, na qualidade de copresidentes, prestaram-nos apoio em diversas e longas reuniões virtuais, oferecendo conselhos detalhados sobre as

quatro versões de rascunhos demasiado extensos. Os outros membros do Conselho Consultivo eram Olu Ajakaiye, Kaushik Basu, Diane Coyle, Oeindrila Dube, Cai Fang, Marc Fleurbaey, Amadou Hott, Ravi Kanbur, Harini Nagendra, Thomas Piketty, Belinda Reyers, Dan Smith, Qixiang Sun, Ilona Szabó de Carvalho, Krushil Watene e Helga Weisz.

Em complemento às recomendações do nosso Conselho Consultivo, o Painel de Consultores Estatísticos do Relatório ofereceu orientações sobre vários aspetos metodológicos e aos dados do Relatório, em particular no tocante ao cálculo dos índices de desenvolvimento humano do Relatório. Estamos gratos a todos os membros do painel: Mario Biggeri, Camilo Ceita, Ludgarde Coppens, Koen Decancq, Marie Haldorson, Jason Hickel, Steve Macfeely, Mohd Uzir Mahidin, Silvia Montoya, Shantanu Mukherjee, Michaela Saisana, Hany Torky e Dany Wazen.

Agradecemos, em especial, a estreita colaboração com os nossos parceiros: o CUNY Advanced Science Research Center, incluindo Anthony D. Cak, Pamela Green e Charles Vörösmarty; o German Institute of Development and Sustainability & V-Dem Institute, incluindo Francesco Burchi, Charlotte Fiedler, Jean Lachapelle, Julia Leininger, Staffan I. Lindberg, Svend-Erik Skanning e Armin Von Schiller; o Global Policy Laboratory da Universidade da Califórnia, Berkley, incluindo Solomon Hsiang, Jonathan Proctor, Luke Sherman e Jeanette Tseng; o Institute for Economics and Peace, incluindo Andrew Etchell, David Hammond, Steven Killelea e Paulo Pinto; o Instituto de Investigação para a Paz de Oslo, incluindo Siri Aas Rustad, Andrew Arasmith e Gudru Ostby; o Stockholm International Peace Research Institute, incluindo Richard Black, David Collste, Victor Galaz, Louise Hård af Segerstad, Claire McAllister e Jürg Staudenmann; e o World

Inequality Lab, incluindo Lucas Chancel, Amory Gethin e Clara Martinez-Toledano.

Agradecemos, ainda, todos os dados facultados, contributos escritos e revisões por pares dos rascunhos dos capítulos do Relatório, incluindo os de Saleem H. Ali, Elisabeth Anderson, Joseph Bak-Coleman, Sajitha Bashir, Marc Bellis, Reinette Biggs, Carl Bruch, Sarah Burch, Andrew Crabtree, Dagomar Degroot, Michael Drinkwater, Kendra Dupuy, Erle C. Ellis, Abeer Elshenawy, Benjamin Enke, Siri Eriksen, Ann Florini, Ricardo Fuentes Nieva, Rachel Gisselquist, Nicole Hassoun, Tatiana Karabchuk, Patrick Keys, Tausi Mbaga Kida, Erika Kraemer-Mbula, Gordon LaForge, Yong Sook Lee, Laura Lopes, Crick Lund, Juliana Martinez Franzoni, Jennifer McCoy, John-Andrew McNeish, Frances Mewsigye, Dinsha Mistree, Toby Ord, Gudrun Østby, László Pintér, Tauhidur Rahman, Reagan Redd, Ingrid Robeyns, Michael Roll, Håkon Sælen, Diego Sanchez-Ancochea, Rebecca Sarku, Sunil Sharma, Landry Signé, Raimundo Soto, Jürg A. Staudenmann, Casper Sylvest, Julia Thomas, Rens Van Munster e Stacy VanDeveer.

Foram realizadas diversas consultas com peritos temáticos e regionais, bem como um conjunto de consultas informais com inúmeras pessoas que, embora sem um papel consultivo formal, assumiram um papel relevante no processo de preparação do Relatório deste ano. Estamos gratos pelos contributos durante estas consultas de Khalid Abu-Ismael, Adeniran Adedeji, Ravi Agarwal, Faten Aggad, Annette Alstadsaeter, Maria Laura Alzua, Ragnheiour Elin Árnadóttir, Jai Asundi, Joseph Atta-Mensah, Vivienne Badaan, Heidi Bade, Faisal Bari, Aparna Basnyat, Amie Bishop, Robert Bissio, Vural Çakır, Alvaro Calix, Diego Chaves, Hiker Chiu, Afra Chowdhury, Shomy Chowdhury, Zhang Chuanhong, Tanya Cox, Alexis D'Marco, Cedric de Coning, Andre de Mello, Ron Dembo, Patrick Develtere, B Diwan,

Ibrahim Elbadawi, Nisreen Elsaïm, Harris Eyre, Ryan Figueiredo, Alexandra Fong, Arvin Gadgil, Carlos Garcia, Pablo Garron, Sherine Ghoneim, Juan Carlos Gomez, Vasu Gounden, Carol Graham, Thomas Greminger, Renzo R. Guinto, Jannis Gustke, Oli Henman, Bjørn Høyland, William Hynes, Ipek Ilkaracan, Zubair Iqbal Ghori, Andrey Ivanov, Lysa John, Melanie Judge, Nader Kabbani, Sherif Kamel, John Kay, Nadine Khaoui, Alan Kirman, Aarathi Krishnan, Atif Kubursi, Geert Laporte, Olivia Lazard, Santiago Levy, Yuefen Li, Kwai-Cheung Lo, Hafsa Mahboub Maalim, Keletso Makofane, Heghine Manasyan, Halvor Mehlum, Claire Melamed, Emel Memis, Juna Miluka, Roman Mogilevskii, Harvard Mokleiv Nygard, Wevyn Muganda, Felipe Muñoz, Keisuke Nansai, Njuguna Ndung'u, Kathleen Newland, Helga Nowotny, Marina Ponti, Tazeen Qureshi, Krishna Ravi Srinivas, Jose Felix Rodriguez, Michael Roll, Heidy Rombouts, Marcela Romero, Sofiane Sahraoui, Djavad Salehi-Esfahani, Sweta Saxena, Ouedraogo Sayouba, Andrew Seele, Joel Simpson, Prathit Singh, Karima Bounemra Ben Soltane, Eduardo Stein, Stephanie Steinmetz, Riad Sultan, Mitzi Jonelle Tan, Daniele Taurino, Julia Thomas, Laura Thompson, Jo Thori Lind, Anna Tsing, Ingunn Tysse Nakkim, Khalid Umar, Bård Vegard Solhjell, Bianca Vidal Bustos, Tanja Winther, Justin Yifu Lin, Jorge Zequeira, Michel Zhou e Andrew Zolli.

Também gostaríamos de agradecer a todos aqueles que entrevistaram na nossa série de seminários: Ingvild Almas, Simon Anholt, Chris Blattman, Carolina Delgado, Alexander Dill, Pamina Firchow, Aleksandr Gevorkyan, Sharath Guntuku, James Jasper, Shreya Jha, Priyadarshani Joshi, Roudabeh Kishi, Anirudh Krishna, Pushpam Kumar, Jane Muthumbi, Brian O'Callaghan e Sarah White.

Foi, ainda, prestado apoio por tantas pessoas cuja lista é demasiado numerosa para elencar neste espaço. Está disponível

uma lista de consultas em <https://hdr.undp.org/towards-hdr-2022>. Os contributos, o apoio e a assistência de muitos colegas da família da ONU são reconhecidos com gratidão. Incluem Shams Banihani, Naveeda Nazir e Xiaojun Grace Wang do Escritório das Nações Unidas para a Cooperação Sul-Sul e Maren Jimenez, Jonathan Perry e Martha Roig do Departamento de Assuntos Económicos e Sociais das Nações Unidas. Todos os gabinetes regionais e centrais e os escritórios nacionais do PNUD são igualmente reconhecidos com profunda gratidão.

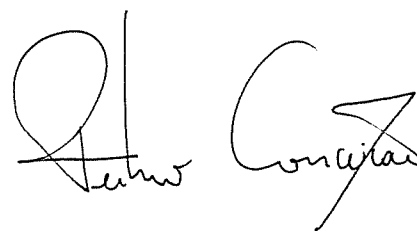
Os colegas do PNUD ofereceram aconselhamento e contributos. Estamos gratos a Aparna Basnyat, Ludo Bok, Camilla Bruckner, Farah Choucair, Mandeep Dhaliwal, Almudena Fernandez, Arvin Gadgil, Irene Garcia, Boyan Konstantinov, Aarathi Krishnan, Anjali Kwatra, Jeroen Laporte, Sarah Lister, Luis Felipe Lopez Calva, Dylan Lowthian, Guillermina Martin, Ulrika Modeer, Shivani Nayyar, Mansour Ndiaye, Camila Olate, Anna Ortubia, Alejandro Pacheco, Paola Pagliani, Mihail Peleah, Noella Richard, Isabel Saint Malo, Ben Slay, Mirjana Spoljaric Egger, Maria Stage, Anca Stoica, Ludmila Tiganu, Bishwa Tiwari, Alexandra Wide, Kanni Wignajara e Lesley Wright.

Tivemos a felicidade de contar com o apoio dos talentosos estagiários e verificadores de factos, Dayana Benny, Allison Bostrom, Parth Chawla, Maximillian Feichtner, Benjamin Fields, Jeremy Marand, Patricia Nogueira, Themba Nyasulu, Nazifa Rafa, Stephen Sepaniak, Zahraa Shabana, Chin Shian Lee, Anupama Shroff, Yuqing Wang e I Younan An.

O Gabinete do Relatório do Desenvolvimento Humano manifesta, ainda, a sua sincera gratidão para com os governos da República da Coreia, bem como para com os Governos de Portugal, Japão e Suécia pelos seus contributos financeiros. Agradecemos imenso o seu apoio constante, que permanece essencial.

Estamos gratos pelo trabalho altamente profissional dos nossos editores e técnicos de paginação da Communications Development Incorporated, liderados por Bruce Ross-Larson com Joe Caponio, Meta de Coquereaumont, Mike Crumplar, Christopher Trott e Elaine Wilson. Agradecemos, em particular, a Bruce, pelos seus bons conselhos, mas também por ser uma fonte de inspiração e, não raramente, de motivação.

Como sempre, estamos extremamente gratos ao Administrador do PNUD, Achim Steiner. Enfrentando as exigências de liderar uma organização durante tempos sem precedentes, encontrou sempre tempo para aconselhar-nos na pesquisa e enco- rajar. Graças a si, a equipa tem, de forma consistente, toda a liberdade para explorar e aventurar-se para lá dos caminhos já percorridos. Numa altura em que expandir as liberdades é essencial para navegar nas incertezas, esperamos ter feito bom uso dessa incrível confiança e compromisso para com a independência editorial de cada Relatório do Desenvolvimento Humano.



Pedro Conceição
Diretor
Gabinete do Relatório do
Desenvolvimento Humano

Índice do Relatório do Desenvolvimento Humano de 2021/2022

Prefácio

Agradecimentos

Síntese: Tempos incertos, vidas instáveis

PARTE I

Tempos incertos, vidas instáveis

CAPÍTULO 1

Um novo complexo de incerteza

Vivemos num mundo de preocupações em tempos incertos

Insegurança crescente no meio de uma prosperidade material sem precedentes, para alguns

Incerteza impulsionada pelas perigosas alterações planetárias no Antropoceno

Incerteza que emerge de transições complexas para aliviar as pressões planetárias

Incerteza impulsionada pela polarização: atrasar a ação, agravar o conflito

Em relação a algo completamente diferente: novas e estratificadas forças motrizes de incerteza

CAPÍTULO 2

Mentes inquietas em tempos incertos: angústia mental, um obstáculo ao desenvolvimento humano

Como a angústia mental condiciona o desenvolvimento humano

Mentes inquietas no meio de incertezas multidimensionais

Desenvolvimento humano em tempos incertos

CAPÍTULO 3

Aproveitar o desenvolvimento humano para navegar em tempos incertos

Reforçar o desenvolvimento humano em tempos incertos: os fins, mas também os meios, para navegar na incerteza

Ampliando a visão do comportamento humano

Mudanças comportamentais e institucionais: mobilizando o desenvolvimento humano rumo a um futuro com esperança

PARTE II

Construir o futuro num mundo em transformação

CAPÍTULO 4

O que impede a nossa atuação conjunta?

Tempos incertos, sociedades divididas

Em tempos incertos a polarização prejudica o debate público

Quebrar o controlo da insegurança sobre a ação coletiva

CAPÍTULO 5

Desenvolvimento humano avançado em tempos incertos

Novas possibilidades oferecidas pela inovação tecnológica

A Pandemia de Covid-19: uma janela para uma nova realidade

CAPÍTULO 6

Delinear caminhos para a transformação: navegar a incerteza para expandir o desenvolvimento humano

Um enquadramento para abarcar a incerteza

Investimento, proteção e inovação rumo à contínua expansão do desenvolvimento humano

Tirar proveito da mudança cultural

Para onde vamos a partir daqui é connosco

Notas

Referências

CAIXAS

- S1.6.1** Choque sistémico do Haiti
- 2.2** O potencial das teleconsultas para aumentar o acesso aos cuidados de saúde mental
- 2.3** Violência na vizinhança é má, mas a incerteza em torno dela pode torná-la ainda pior
- 2.4** Enfrentar a angústia mental a nível comunitário
- 4.1** O Índice de Valor Percebido de Insegurança Humana
- 4.2** Progresso e polarização no Índice de Paz Positivo global
- 4.3** Avanços nas comunicações digitais arriscam desestabilizar as sociedades
- 5.1** A Pandemia de Covid-19 como uma oportunidade? O apelo a uma abordagem contextual
- 6.1** A governação em prol da mudança sistémica e transformacional
- 6.2** Navegar a incerteza: a âncora dos direitos humanos
- S6.4.1** Feminismo árabe: um caminho diferente em direção à redução da igualdade de género
- S6.4.2** O Índice de Normas Sociais de Género que mede os desvios, preconceitos e crenças

FIGURAS

- 1** Um novo complexo de incerteza está a emergir
- 2** O valor global do Índice de Desenvolvimento Humano caiu dois anos consecutivos, eliminando os ganhos do quinquénio precedente
- 3** O acesso dos países às vacinas Covid-19 continua a ser altamente desigual
- 4** A polarização política está a aumentar em todo o globo
- 5** Notícias negativas sobre o mundo atingem níveis sem precedentes

6	A percepção da insegurança humana está a aumentar na maior parte dos países, mesmo em alguns países com o Índice de Desenvolvimento Humano dos Países muito elevado	2.8	Níveis elevados de angústia mental entre jovens que se identificam como lésbicas, gays, bissexuais, transgénero, homossexuais, intersexuais ou outras minorias sexuais (LGBTQI+)
7	Recentes declínios no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) encontram-se generalizados, com mais de 90 por cento dos países a sofrer um declínio em 2020 ou 2021	2.9	Desenvolvimento humano no meio de incertezas multidimensionais
8	Quase todos os países registaram inversões no desenvolvimento humano no primeiro ano da pandemia de Covid-19, a maioria dos países com um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) baixo, médio e elevado registaram quedas contínuas no segundo ano	S2.1.1	Prevalência global dos distúrbios mentais selecionados, 2019
9	Existem mais possibilidades para a inteligência artificial aumentar a atividade humana do que para automatizar tarefas existentes	3.1	Mudanças comportamentais e reforma institucional são interdependentes
10	Tornar as pessoas mais seguras através do investimento, proteção e inovação	3.2	As pessoas estão a vivenciar uma maior tristeza
1.1	Uma quebra no valor do Índice de Desenvolvimento Humano global dois anos seguidos, pela primeira vez registada	3.3	A Grande Reversão da racionalidade para o sentimento na argumentação baseada em factos
1.2	Quebras no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) foram generalizadas durante a pandemia de Covid-19, com mais de 90 por cento dos países a sofrer um declínio em 2020 ou 2021	3.4	As gerações mais jovens estarão quatro a sete vezes mais expostas às ondas de calor nas suas vidas do que as gerações mais velhas
1.3	Enquanto a maior parte dos países com um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) muito elevado não sofreu declínios no IDH em 2021, o mesmo não se verificou na maioria dos países com IDH baixo e médio e alto	3.5	Respostas individuais e coletivas à incerteza podem conduzir a ciclos de incerteza
1.4	Notícias negativas sobre o mundo e o futuro atingiram níveis sem precedentes	S3.6.1	As pessoas têm uma tendência pronunciada para tomar decisões que parecem tratar implicitamente todas as probabilidades, até certo ponto de igual modo
1.5	A percepção da insegurança humana está a aumentar na maior parte dos países, mesmo em alguns países com o Índice de Desenvolvimento Humano muito elevado	S3.6.2	Maior incerteza cognitiva está fortemente associada a uma maior compressão das decisões em direção ao centro
1.6	O efeito negativo está a crescer para todos, agravado pelas desigualdades entre grupos	S3.6.3	As decisões das pessoas sobre o valor parecem tratar diferentes atrasos de tempo até certo ponto de igual modo
1.7	O <i>stress</i> é elevado e aumenta, independentemente da educação	S3.6.4	A incerteza cognitiva é fortemente preditiva do grau em que as decisões intertemporais das pessoas parecem tratar todos os atrasos temporais da mesma forma
1.8	O amplo espectro do possível aquecimento futuro depende das nossas escolhas	4.1	Uma maior insegurança está associada a uma menor agência pessoal
1.9	Transformar o mundo para promover o desenvolvimento humano enquanto se diminui as pressões planetárias	4.2	A confiança decresce com a distância social mais acentuada nos rendimentos mais baixos e na maior insegurança
1.10	A transição energética em direção às energias renováveis pode desenrolar-se de formas diversas para diferentes setores	4.3	Uma maior insegurança está ligada ao extremismo político
1.11	A transição energética exige minerais e materiais que aumentam as pressões planetárias	4.4	A insegurança está associada à polarização das preferências sobre a responsabilidade governamental versus responsabilidade individual
1.12	A massa antropogénica excede atualmente a biomassa viva total do mundo	4.5	Há dez anos atrás havia mais países onde os elementos críticos para a governação democrática estavam a melhorar em vez de decrescer, atualmente a situação está invertida
1.13	A polarização política está a aumentar em todo o mundo, o que piora a situação	S4.1.1	A emergência dos sistemas de partidos multi-elite na Austrália e nas democracias europeias e norte-americanas
S1.1.1	As cinco vias para a resiliência	S4.2.1	O apoio à democracia cai com a insegurança nos grupos mais ricos
S1.3.1	A curva de sobrevivência da humanidade pode descer durante períodos de risco, mas pode nunca voltar a subir	5.1	O custo das energias renováveis tem diminuído drasticamente
2.1	A angústia mental condiciona a liberdade para alcançar, escolhas e resultados	5.2	Contrariamente à redução média anual projetada de 2,6% entre 2010 e 2020, os custos da energia solar fotovoltaica diminuíram 15% ao ano durante o mesmo período
2.2	Conectar a saúde mental e física	5.3	As oportunidades para aumentar a atividade humana são muito maiores do que as oportunidades para automatizar tarefas existentes
2.3	No Reino Unido a angústia mental é mais prevalente entre os grupos minoritários femininos, mas a angústia mental entre os grupos minoritários masculinos aumentou muito durante a pandemia de Covid-19	5.4	A Pandemia de Covid-19 levou a uma crise sincronizada e multidimensional sem precedentes
2.4	A relação circular e intergeracional entre a insegurança económica e a angústia mental pode perpetuar a desigualdade económica entre gerações	5.5	Declínios generalizados, mas desiguais no valor do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) ajustado de Covid-19: Agregados regionais e de grupos
2.5	A digitalização é uma espada de dois gumes para o bem-estar mental	5.6	A maioria dos países implementou medidas de apoio monetário e de saúde durante a pandemia de Covid-19
2.6	A violência nas relações íntimas aumenta com a dependência económica	6.1	Um quadro de dois níveis para a transformação
2.7	O aumento da violência política tem significado mais incerteza para muitas pessoas	6.2	Tornar as pessoas mais seguras através do investimento, proteção e inovação
		6.3	Acompanhar as mudanças culturais com educação, reconhecimento e representação
		S6.3.1	Uma parte considerável dos utilizadores de todo o mundo recebe as suas notícias através das plataformas dos meios de comunicação social

S6.4.1	As mobilizações feministas têm crescido em autonomia e força em todos os grupos do Índice de Desenvolvimento Humano
S6.4.2	Os países com menos movimentos feministas têm maiores preconceitos contra a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres
S6.4.3	Apenas 10,3 por cento das pessoas em todo o mundo não têm preconceitos de normas sociais de gênero, incluindo 11,5 por cento de mulheres e 8,9 por cento de homens
S6.4.4	A maioria dos países registou progressos em matéria de preconceito contra a igualdade de gênero e a capacitação das mulheres entre 2010-2014 e 2017-2022-mas vários países registaram reviravoltas
S6.5.1	Os movimentos sociais ligam a ação coletiva às instituições

DESTAQUES

1.1	Para lá da crise e do colapso: Alterações climáticas na história da humanidade
1.2	O nexó nuclear-ambiental e o desenvolvimento humano no Antropoceno
1.3	Que tipo de instituição é necessária para a segurança existencial?
1.4	Relações entre pessoas e planetas num mundo incerto e instável
1.5	Acerca da insegurança económica
1.6	Construir um ambiente de paz numa nova era de risco
1.7	Transformações com baixo teor de carbono: uma maldição dos recursos verdes?
1.8	O novo complexo de incerteza e justiça intergeracional
2.1	Medir o bem-estar mental, um esforço contínuo
2.2	Transtorno de <i>stress</i> pós-traumático, não apenas de combate
3.1	Como agência difere de bem-estar
3.2	Agência, ideias e as origens do Estado social regulador
3.3	O agente “racional” e a teoria da escolha racional
3.4	Como podem as sociedades progredir em tempos incertos? Uma questão que assume novas formas, reclamando novas ferramentas analíticas
3.5	Normas e cooperação num mundo multipolar: para além da economia
3.6	Insegurança cognitiva
3.7	A atividade humana pode ajudar a restaurar a biodiversidade: o caso das transições florestais
4.1	Desigualdade e a estrutura dos conflitos políticos nas democracias: uma perspetiva global e histórica
4.2	Apoio à democracia sob tensão: Resultados de países com um Índice de Desenvolvimento Humano muito elevado
6.1	Princípios a cultivar para navegar na incerteza
6.2	Abordar a angústia mental: capacidades para pessoas e decisores políticos
6.3	Desinformação e liberdade de expressão dos meios de comunicação social
6.4	Mobilizações feministas que desafiam as normas sociais de gênero
6.5	Ação coletiva e movimentos sociais que moldam a cultura e lidam com a incerteza

TABELAS

1.1	Alterações climáticas impulsionadas por fatores físicos agravados e pelo contexto social
3.1	Pressupostos comportamentais: determinantes e âmbito das intervenções para moldar escolhas
S2.2.1	Sintomas de transtorno de <i>stress</i> pós-traumático entre adultos e crianças
S6.4.1	Porcentagem de pessoas com pelo menos um preconceito contra a igualdade de gênero, 2010–2014 e 2017–2022
S6.4.1	Tabela anexa: Normas Sociais de Gênero Valores do Índice para o período mais recente disponível (76 países e territórios com dados da vaga 6 ou da vaga 7 e 12 países ou territórios com dados da vaga 5)

ANEXO ESTATÍSTICO

Guia do leitor

ÍNDICES COMPÓSITOS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

1	Índice de Desenvolvimento Humano e seus componentes
2	Tendências do Índice de Desenvolvimento Humano, 1990–2021
3	Índice de Desenvolvimento Humano Ajustado à Desigualdade
4	Índice de Desenvolvimento Humano por Gênero
5	Índice de Desigualdade de Gênero
6	Índice de Pobreza Multidimensional: países em vias de desenvolvimento
7	Pressões planetárias – Índice de Desenvolvimento Humano ajustado

Regiões em vias de desenvolvimento

Referências estatísticas

SÍNTESE

Tempos incertos, vidas instáveis

Tempos incertos, vidas instáveis

Vivemos num mundo onde as preocupações são a nota dominante: a pandemia Covid-19 em curso, que provocou reviravoltas no desenvolvimento humano em quase todos os países e continua a provocar variações imprevisíveis; a guerra na Ucrânia e noutros locais, mais sofrimento humano no meio de uma ordem geopolítica em mutação e de um sistema multilateral repleto de tensões; temperaturas recorde, incêndios e tempestades, cada um uma campainha de alarme dos sistemas planetários cada vez mais desequilibrados; crises agudas estão a dar lugar a uma incerteza crónica e estratificada à escala mundial, contribuindo para um quadro de tempos incertos e vidas instáveis.

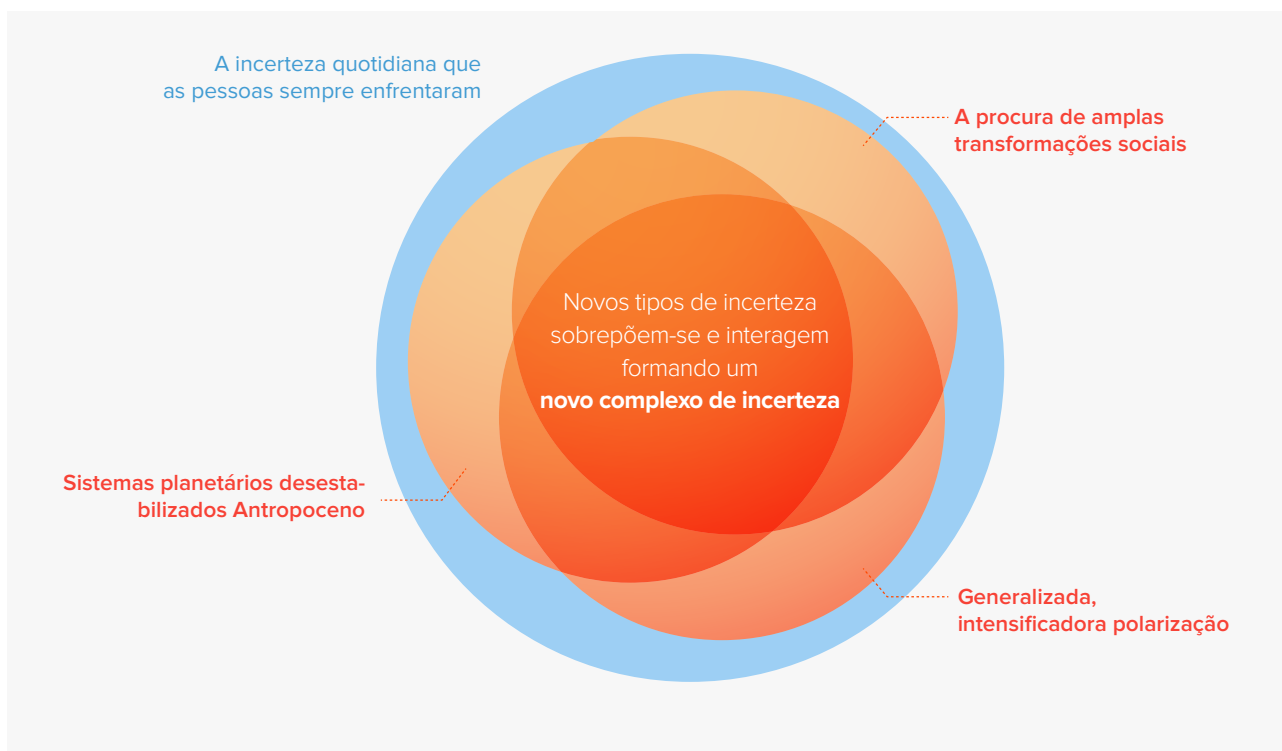
A incerteza não é algo de novo. Há muito que a Humanidade se preocupa com pragas e epidemias, violência e guerra, inundações e secas. Se é verdade que várias sociedades foram subjugadas por essas circunstâncias, um igual número de sociedades aceitou essas realidades emergentes e inquietantes e encontrou formas inteligentes de prosperar. Não existem inevitabilidades, apenas duras incógnitas. A melhor resposta é uma aposta reforçada no desenvolvimento humano, procurando desencadear as capacidades criativas e cooperativas que, aliás, integram a essência da Humanidade.

Novos níveis de incertezas estão a interagir para criarem novos géneros de incerteza – um novo complexo de incerteza – nunca vistos na história da Humanidade (figura 1). Além da incerteza quotidiana, enfrentada pelas pessoas desde tempos imemoriais, navegamos agora águas desconhecidas, apanhados em três voláteis contracorrentes:

- As perigosas mudanças planetárias do Antropoceno.¹
- A procura de amplas transformações sociais a par da Revolução Industrial.
- Os imprevistos e vacilações das sociedades polarizadas.

Navegar neste novo complexo de incerteza torna-se, ainda, mais difícil em virtude das privações persistentes e das desigualdades no desenvolvimento humano. A última década colocou – finalmente – a desigualdade sob os holofotes. Contudo, as formas como as desigualdades e a incerteza contribuem para a insegurança – e vice-versa – não têm tido o mesmo foco. A variação nas oportunidades e no resultado entre e dentro das nações é espelhada pela – e interage com – a volatilidade vivenciada pelas pessoas no decurso das suas vidas. A questão complexifica-se quando assistimos a uma ordem geopolítica em curso, que paralisa um sistema multilateral concebido para o pós-guerra (não para o pós-milénio) desafios e ruturas causados por puros interesses nacionais.

Figura 1 Um novo complexo de incerteza está a emergir



Fonte: Gabinete do Relatório do Desenvolvimento Humano.

A pandemia de Covid-19 e a guerra na Ucrânia são manifestações devastadoras do complexo de incerteza que assola os dias de hoje. Cada uma delas expõe os limites e as brechas na atual governação global. Cada uma delas tem atacado as cadeias de abastecimento globais, aumentando a volatilidade dos preços da energia, dos fertilizantes, das mercadorias e de outros bens. Contudo, é a sua interação que, à data do presente relatório, está a transformar esses choques numa catástrofe mundial iminente. Devido à confluência da guerra, da pandemia e do aumento das temperaturas, o Secretário-Geral das Nações Unidas António Guterres tem alertado repetidamente para uma prolongada crise alimentar mundial.² Milhares de milhões de pessoas enfrentam a maior crise de custo de vida numa geração.³ Milhares de milhões já se debatem com a insegurança alimentar,⁴ devido, em grande parte, às desigualdades de riqueza e poder que determinam os direitos à alimentação. Estes serão mais gravemente afetados por uma crise alimentar mundial.

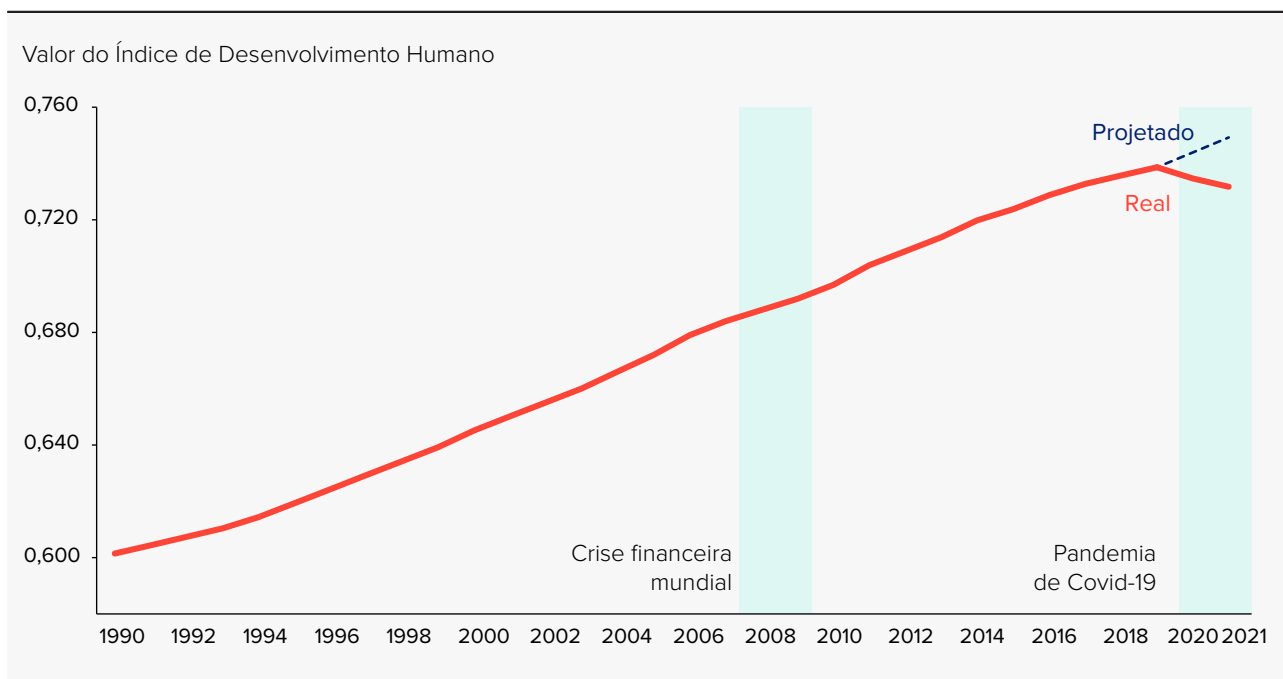
As crises mundiais têm vindo a suceder-se: a crise financeira de 2008, a crise climática mundial em curso e a pandemia de Covid-19, uma crise alimentar mundial eminente. Existe uma sensação incômoda de que qualquer controlo que tenhamos sobre as nossas vidas está a escapar-nos, que as normas e instituições em que costumávamos confiar

para a estabilidade e prosperidade não estão a corresponder às necessidades que advêm do atual complexo de incerteza. Sentimentos de insegurança estão a aumentar em todo o globo, uma tendência que se verifica há, pelo menos, uma década e que precede largamente a pandemia de Covid-19, bem como a consequente espiral descendente no desenvolvimento humano mundial (figura 2).

Mesmo antes da pandemia de Covid-19, 6 em cada 7 pessoas a nível mundial sentiam-se inseguras.⁵ Isto num cenário de incrível progresso mundial (não obstante os impactos da pandemia de Covid-19) a longo prazo sobre as medidas convencionais de bem-estar, incluindo em muitas das métricas do desenvolvimento humano seguidas pelo Relatório do Desenvolvimento Humano. O que está a acontecer? Como é que a grande lente do desenvolvimento humano nos pode ajudar a compreender e a responder a este aparente paradoxo de um progresso com insegurança? Questões como esta dinamizam o Relatório deste ano (caixa 1).

Uma das frustrantes ironias do Antropoceno é que, embora tenhamos mais poder para influenciar o nosso futuro, não temos necessariamente mais controlo sobre este. Desde a crise climática até às alterações tecnológicas de grande alcance, outras importantes forças – muitas da nossa própria lavra – estão a expandir o conjunto de resultados possíveis, alguns desconhecidos, decorrentes de

Figura 2 O valor do Índice de Desenvolvimento Humano mundial diminuiu dois anos consecutivos, apagando os ganhos do quinquénio anterior



Fonte: Gabinete do Relatório do Desenvolvimento Humano cálculos baseados em dados de Barro and Lee (2018), FMI (2021b, 2022), DAESNU (2022a, 2022b), Instituto de Estatística da UNESCO (2022), UNSD (2022) e Banco Mundial (2022).

Nota: O período da crise financeira mundial é indicativo.

Caixa 1 O Relatório do Desenvolvimento Humano de 2021/2022 amplia os debates de Relatórios anteriores

Como compreender e navegar o complexo de incerteza dos dias de hoje, guiados pelo Antropoceno, através de uma transformação social propositada e da intensificação da polarização, é o tópico do Relatório do Desenvolvimento Humano deste ano. Ao longo da última década tem sido dada particular atenção – com razão – às desigualdades. De facto, as desigualdades e as suas dimensões emergentes foram o foco do Relatório do Desenvolvimento Humano de 2019,¹ transitando para o Relatório do ano seguinte sobre as pressões socioecológicas do Antropoceno.² As variações nas oportunidades e nos resultados entre e dentro das nações também se refletem nas vidas das pessoas, dando origem a mais e novas formas de insegurança, que foram exploradas no Relatório Especial sobre Segurança Humana do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento no início deste ano.³ O Relatório do Desenvolvimento Humano de 2021/2022 agrega e estende estas discussões sobre o tema da incerteza: como a realidade está a mudar, o que significa para o desenvolvimento humano e como podemos evoluir em face disso.

Notas

1. PNUD 2019. 2. PNUD 2020. 3. PNUD 2022.

qualquer ação. Para muitos, passar do ponto A ao ponto B nas suas vidas e nas suas comunidades é pouco claro, inseguro e duro, tornando-se ainda mais duro quando as desigualdades persistentes, a polarização e a demagogia dificultam um acordo relativamente ao que é realmente o ponto B e como iniciar a marcha para lá chegar.

Nem tudo está bem, mas nem tudo está perdido. Políticas que se foquem nos Três I's (investment, insurance and innovation), investimento, proteção e inovação, contribuirão para ajudar as pessoas a navegar no novo complexo de incerteza e a prosperar em face dele (ver capítulo 6 do Relatório completo).

- *O Investimento*, desde as energias renováveis à preparação para pandemias e perigos naturais extremos, aliviará as pressões planetárias e preparará as sociedades para melhor enfrentarem os choques globais. Considerando os avanços da sismologia, a ciência dos tsunamis e a redução dos riscos de catástrofe que se seguiram ao tsunami de 2004 no Oceano Índico,⁶ dir-se-á que *investimentos* inteligentes e práticos compensam.
- *A Proteção* também contribui para salvaguardar as pessoas das contingências de um mundo incerto. O aumento global da *proteção* social na sequência da pandemia de Covid-19 fez exatamente isso, ao mesmo tempo que

sublinhava a pouca cobertura da segurança social existente e quanto ainda está por fazer. Os investimentos em serviços universais básicos como a saúde e a educação também têm uma função seguradora.

- *A Inovação* nas suas muitas formas – tecnológica, económica, cultural – será vital na resposta aos desafios incertos e desconhecidos que a humanidade enfrentará. Apesar de a *inovação* ser um tema que diz respeito a toda a sociedade, aos governos compete a criação dos incentivos políticos certos para a inovação inclusiva, mas também tornarem-se parceiros ativos em todo o processo.

Os pressupostos subjacentes às instituições que desenvolvem e implementam políticas a diversos níveis são ainda mais complexos. Pressupostos sobre como as pessoas tomam decisões são frequentemente excessivamente simplificados. O predomínio dessas assunções tem ocasionado um conjunto mais restrito de opções políticas do que o necessário para navegar no novo complexo de incerteza (ver capítulo 3 do Relatório completo). O alargamento do conjunto de opções políticas tem como ponto de partida o reconhecimento dos diversos enviesamentos cognitivos e inconsistências que caracterizam a nossa tomada de decisões. Além disso, o que decidimos está frequentemente arraigado no que valorizamos. O que nós valorizamos, por sua vez, está enraizado no nosso contexto social, ou seja, é contextual, maleável. Analisar a inutilidade de certas inércias sociais e a experimentação de novas narrativas devem integrar o conjunto de instrumentos que sirvam como uma ferramenta para o futuro (ver capítulo 3 do Relatório completo).

O mesmo se aplica à tecnologia. É verdade, a tecnologia é mais uma espada de dois gumes do que uma solução mágica. As tecnologias de combustão de combustíveis fósseis estão a aquecer o planeta enquanto a fusão nuclear promete encapsular o sol, inaugurando uma nova era de energia limpa e sem limites. Com cada pesquisa na Internet, *retweet* e *like*, as nossas pegadas digitais geram mais dados do que nunca, mas lutamos para usá-los para o bem comum, ao passo que outros usam-nos deliberadamente de forma indevida. Numa luta voraz pelo acesso a um maior número de dados, os gigantes da tecnologia estão a concentrar nas suas mãos cada vez mais poder sobre as nossas vidas. Na nossa opinião, é mais importante desviar a tecnologia propositalmente para soluções inclusivas, soluções criativas que permitam desafiar o antigo e o novo, em vez de a transformar numa espécie de elefante numa loja de porcelana. Precisamos de tecnologias que aumentem o trabalho em vez de o diminuir, que interfiram de forma seletiva em vez de indiscriminadamente (ver capítulo 4 do Relatório completo).

À medida que avançamos neste novo complexo de incerteza, surgem desafios desconhecidos; mais perguntas difíceis sem respostas fáceis, mais oportunidades de retrocesso dentro das fronteiras que se demonstraram tão porosas para o clima e a tecnologia como no caso da pandemia provocada pela Covid-19. Se a pandemia é vista como um teste a como navegamos no nosso futuro comum e global, então precisamos de aprender com esta, com o bem e com o mal, para descobrir como fazer melhor, muito melhor.

A pandemia de Covid-19 é uma janela para uma nova realidade.

Atualmente, no seu terceiro ano, a pandemia de Covid-19 causou um terrível impacto nas vidas e nos meios de subsistência por todo o mundo. É mais do que um longo desvio do

normal; é uma janela para uma nova realidade, um doloroso vislumbre de profundas e emblemáticas contradições, que expõe uma confluência de fragilidades.

Por um lado, um feito impressionante da ciência moderna: o desenvolvimento de vacinas seguras e eficazes contra um novo vírus em menos de um ano. Tendo salvo dezenas, talvez centenas, de milhões de vidas durante o século passado, especialmente de crianças, as vacinas continuam a ser uma das maiores inovações tecnológicas da humanidade, com a melhor relação custo-eficácia de sempre.⁷ A série de vacinas contra a Covid-19 não é exceção. Só em 2021, os programas de vacinação Covid-19 evitaram quase 20 milhões de mortes⁸. É uma lição do poder da tecnologia para transformar vidas de forma positiva, numa época em que abundam os exemplos de como a tecnologia pode fazer exatamente o oposto.

Figura 3 O acesso dos países às vacinas Covid-19 continua a ser altamente desigual



Fonte: Painel global para a equidade das vacinas (<https://data.undp.org/vaccine-equity/>), acedido em 27 de julho de 2022.

No entanto, o acesso às vacinas contra a Covid-19 permanece terrivelmente baixo ou praticamente inexistente em muitos países com um baixo rendimento (figura 3), especialmente em África, que tiveram taxas de mortalidade por infeção específica da idade duas vezes superiores às dos países com elevados rendimentos.⁹ O acesso a zonas rurais com cadeias de frio mais fracas e menos profissionais de saúde continua a ser um desafio. Entretanto, a adoção de vacinas em muitos países mais ricos estagnou, em parte devido a disputas desconcertantes sobre vacinas em geral.¹⁰ A última etapa do processo é sempre a mais difícil de percorrer em todos os países.

O acesso desigual, feito de forma injusta, às vacinas Covid-19 é uma das muitas desigualdades que marcaram toda a pandemia. De facto, essas desigualdades contribuíram para alimentar a sua propagação. Os grupos com maior probabilidade de serem deixados para trás, uma vez mais, suportaram o fardo das suas fragilidades sanitárias e económicas. Mulheres e raparigas assumiram ainda mais responsabilidades domésticas e de prestação de cuidados, enquanto a violência contra estas se agravou (ver capítulo 2 do Relatório completo).¹¹ As clivagens digitais pré-existent aumentaram as desigualdades no acesso e qualidade da educação das crianças.¹² Há, aliás, quem tema uma “geração perdida” de alunos.¹³

A pandemia de Covid-19 gerou perguntas sem respostas fáceis em todo o globo, entre elas a mais importante: Quando é que “termina”? As respostas têm-se revelado fugazes, muitas vezes frustradas pelo aumento de casos ou pelo estabelecimento de novas restrições, forçando-nos a voltar à estaca zero. As cadeias de abastecimento mundiais permanecem teimosamente atadas, contribuindo para a inflação na generalidade dos países e, em alguns, com taxas inimagináveis durante décadas.¹⁴ As implicações das intervenções monetárias e fiscais, sem precedentes, destinadas a salvar as economias devastadas, muitas ainda marcadas pela crise financeira mundial, permanecem em larga medida incertas. Estes acontecimentos desenrolam-se diante de nós em tempo real e a par de tensões geopolíticas crescentes. A pandemia é mais do que um vírus, e simplesmente ainda não “terminou.”

Com vagas sucessivas, que têm apanhado os países desprevenidos vezes sem conta, a contínua mutabilidade e o balanço dos confinamentos, a pandemia de Covid-19 e as suas reviravoltas aparentemente intermináveis têm, talvez acima de tudo, inveterado um clima de incerteza e inquietação persistente. E esta é apenas uma pandemia, que surgiu aparentemente do nada, como um fantasma que não pode

ser exorcizado. Fomos há muito avisados sobre a ameaça de novos patogénicos respiratórios¹⁵ e, à medida que avançamos para o Antropoceno, fomos avisados de que haverá mais.

Um novo complexo de incerteza está a emergir

Os impactos da pandemia de Covid-19 nas economias são insignificantes quando comparados com as convulsões esperadas pelo poder das novas tecnologias e os perigos e transformações que estas representam. O que é que são os investimentos na educação e nas competências das pessoas – uma parte essencial do desenvolvimento humano – perante o ritmo desorientador das mudanças tecnológicas, incluindo a automatização e a inteligência artificial? Ou face a transições de energia deliberadas e necessárias que reestruturariam as sociedades? Mais amplamente, no meio de padrões sem precedentes de perigosas mudanças planetárias, que capacidades importam e de que forma?

“Os impactos da pandemia de Covid-19 nas economias são insignificantes quando comparados com as convulsões esperadas pelo poder das novas tecnologias e os perigos e transformações que estas representam.

Nos últimos anos, viram-se mais recordes de temperatura, incêndios e tempestades em todo o mundo, lembretes alarmantes de que a crise climática avança, a par com outras mudanças a nível planetário provocadas pelo Antropoceno. O colapso da biodiversidade é uma delas. Mais de 1 milhão de espécies vegetais e animais enfrentam a extinção.¹⁶ Por muito que a pandemia de Covid-19 nos tenha apanhado de surpresa, impreparados e atrapalhados na procura de um rumo, temos ainda menos ideia de como viver num mundo sem, digamos, uma abundância de insetos. Trata-se de uma realidade que nunca se verificou em aproximadamente 500 milhões de anos, desde que apareceram as primeiras plantas terrestres do mundo. Isto não é uma coincidência. Sem abundância de insetos polinizadores, enfrentamos o intrigante desafio de cultivar alimentos e outros produtos agrícolas à escala.

As sociedades humanas e os sistemas ecológicos há muito que se influenciam – e se surpreendem – entre si, mas não à escala e velocidade do Antropoceno. O seres humanos estão agora a moldar as trajetórias planetárias,¹⁷ e a mudança dramática dos níveis basais – das temperaturas globais às diversidades de espécies – estão a alterar o quadro fundamental

de referência sob o qual os seres humanos têm vivido durante milênios. É como se o chão debaixo dos nossos pés estivesse a mudar, introduzindo um novo tipo de incerteza planetária para a qual não dispomos de um verdadeiro guia.

Os ciclos de material, por exemplo, foram quebrados. Pela primeira vez na história, materiais fabricados pelo homem, tais como betão e asfalto, superam a biomassa da Terra. Os microplásticos estão agora por todo o lado: em manchas de lixo do tamanho de um país no oceano, em florestas protegidas e em montanhas distantes, bem como nos pulmões e sangue das pessoas.¹⁸ O branqueamento em massa do coral é agora comum em vez de extraordinário.¹⁹

O último Relatório do Painel Internacional sobre Alterações Climáticas é um “código vermelho para a humanidade.”²⁰ Enquanto ainda temos a possibilidade de prevenir o aquecimento global excessivo e evitar os piores cenários, espera-se que as mudanças induzidas pelo homem no nosso sistema planetário continuem no futuro. Em essência, à medida que a ciência avançou, os modelos estão, com melhor precisão do que antes, a prever maior volatilidade.²¹

Qualquer uma das rápidas mudanças do Antropoceno, a nível planetário, induzidas pelo homem, seria por si só suficiente para injetar novas incertezas assustadoras no destino não só de indivíduos, comunidades ou mesmo nações, mas de toda a humanidade. Recordemos somente há algumas décadas quando os clorofluorocarbonetos entraram na consciência global. Ou o inseticida conhecido como DDT antes disso. Ou a proliferação nuclear antes disso (e, infelizmente, ainda hoje). As forças induzidas pelo homem no Antropoceno não são atomizadas ou sequenciadas ordenadamente. Não são ilhas de perturbação num mar de relativa estabilidade. Em vez disso, são empilhados uns sobre os outros, interagindo e amplificando-se de formas imprevisíveis. Pela primeira vez na história da humanidade, as ameaças existenciais antropogénicas são maiores do que as dos riscos naturais.²²

“A estratificação e as interações de riscos multidimensionais e a sobreposição de ameaças dão origem a novas dimensões de incerteza, se, por nenhuma outra razão que não seja as escolhas humanas, tiverem impactos muito para além das capacidades de absorção dos nossos sistemas socioecológicos enfraquecidos.

Por este motivo, neste retrato de incerteza, o Relatório não constrói cenários. Em vez disso, explora a forma como três novas fontes de incerteza ao nível mundial se incrementam para criarem um novo complexo de incerteza que

perturba vidas e arrasta o desenvolvimento humano (ver capítulo 1 do Relatório completo):

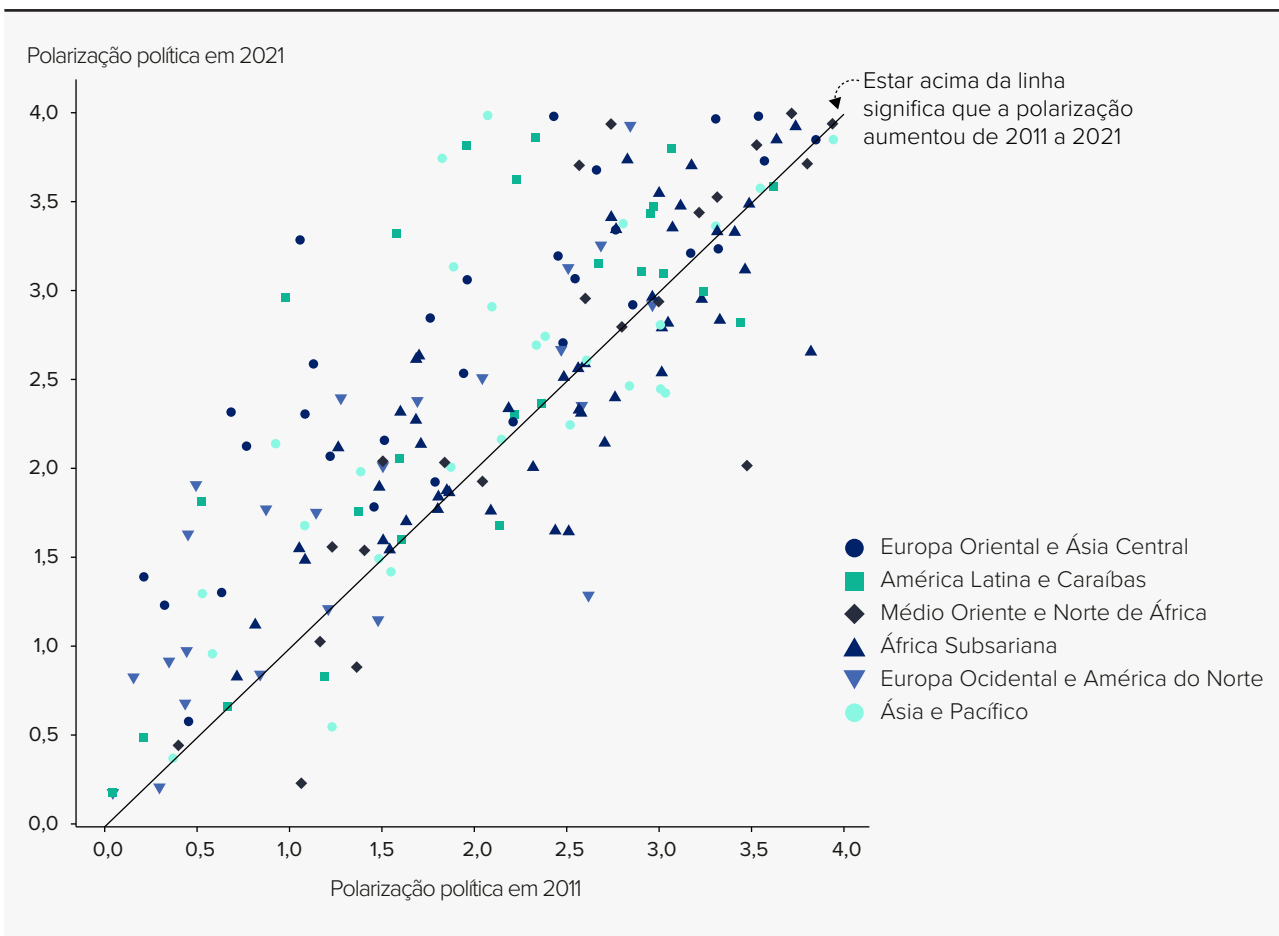
- A primeira nova incerteza está associada à perigosa mudança planetária do Antropoceno e à sua interação com as desigualdades humanas.
- A segunda é a transição, ainda que incerta, para novas formas de organização das sociedades industriais alegando transformações análogas às da transição de sociedades agrícolas para sociedades industriais.²³
- A terceira é a intensificação da polarização política e social entre e dentro dos países – e das perceções erradas tanto acerca da informação como nos grupos – facilitada pela forma como as novas tecnologias digitais são frequentemente utilizadas.²⁴

A estratificação e as interações de riscos multidimensionais e a sobreposição de ameaças dão origem a novas dimensões de incerteza, quanto mais não seja porque as escolhas humanas têm impactos muito para lá da capacidade de absorção dos nossos sistemas socioecológicos enfraquecidos. Neste novo complexo de incerteza, os choques podem ampliar-se e interagir em vez de se dissiparem; podem propagar-se nos sistemas em vez de serem estabilizados por estes.

A pulsação humana dos sistemas naturais, com intensidades e escalas sem precedentes, é uma das faces desta moeda. Por outro lado, défices sociais persistentes, incluindo défices no desenvolvimento humano, tornam mais difícil navegar por resultados imprevisíveis e diminuir, desde logo, essa pulsação. Tenha-se em conta a pandemia de Covid-19, que tem tanto a ver com desigualdades, má liderança e desconfiança como com variantes e vacinas. Ou a competição pelos recursos naturais, que normalmente não resulta em conflito. Enquanto os ecossistemas em tensão podem paralisar as queixas, as queixas tornam-se conflitos devido aos desequilíbrios sociais.²⁵ O poder político, as desigualdades e a marginalização contribuem mais para o conflito ambiental do que o acesso aos recursos naturais.

A polarização política torna a situação ainda mais complexa (figura 4). Tem vindo a aumentar, e a incerteza agrava-a e é por esta agravada (ver capítulo 4 do Relatório completo). Um grande número de pessoas sente-se frustrado e alienado dos seus sistemas políticos.²⁶ Numa inversão de 10 anos, o recuo democrático é agora a tendência prevalecente nos países,²⁷ apesar do elevado apoio mundial à democracia. Os conflitos armados estão também a aumentar, especialmente fora dos chamados contextos frágeis.²⁸ Pela primeira vez, mais de 100 milhões de pessoas são deslocados à força, a maioria dentro dos seus próprios países.²⁹

Figura 4 A polarização política está a aumentar em todo o mundo



Fonte: Adaptado de Boese e outros (2022).

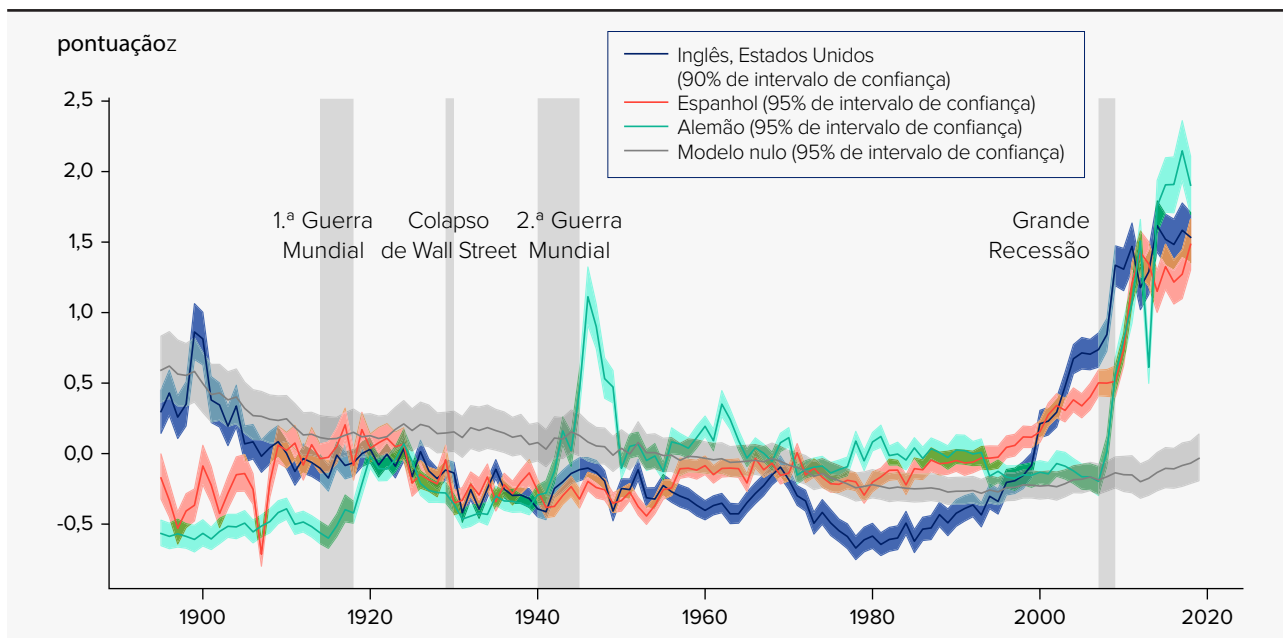
A conjuntura de incerteza e polarização pode ter um efeito paralisante, retardando a ação para contrariar as pressões humanas sobre o planeta. O verdadeiro paradoxo do nosso tempo reside na nossa incapacidade de agir, apesar da crescente evidência da angústia que a pressão humana, a nível planetário, está a causar aos sistemas ecológicos e sociais. A menos que consigamos controlar o estado precário das realidades humanas, enfrentamos as vicissitudes do Antropoceno com uma mão atada atrás das costas.

Mesmo quando funcionam corretamente, os mecanismos convencionais de resposta a crises e gestão de riscos, tais como várias formas de proteção ou de seguro, não conseguem fazer frente a uma disrupção de natureza interdependente e que ocorre à escala mundial. As respostas descoordenadas à pandemia de Covid-19 são um bom exemplo. São necessárias novas estratégias para eventos extremos sincronizados a nível mundial. A abordagem do risco através da diversificação é difícil quando a volatilidade afeta todo o sistema e não apenas partes do mesmo. Contudo, numerosos países em todo o mundo têm vindo a desfazer-se

firmente da partilha de risco de várias formas.³⁰ As novas formas de trabalho e as suas incertezas assumiram uma crescente importância nas economias de trabalho com base na tecnologia. No conjunto, há muito que se verifica uma tendência crescente de insegurança.

Na realidade, essa tendência tem vindo a aumentar para alguns grupos mais do que para outros. Contra um pano de fundo de incertezas novas e interativas, as pessoas com poder, riqueza ou privilégio têm os meios, até certo ponto, para se protegerem em privado e para transferirem um maior quinhão do fardo para os demais. Os grupos mais suscetíveis de serem deixados para trás enfrentam um mundo com novas e complexas incertezas – sendo que uma parte substancial estão direcionadas para si – amontoados entre a discriminação persistente e as violações dos direitos humanos.³¹ Não é só o facto de os furacões estarem a ficar maiores e mais mortais através do impacto humano no ambiente; é também como se, através das nossas escolhas sociais, os seus caminhos destrutivos estivessem a ser dirigidos aos mais vulneráveis de entre nós.

Figura 5 Notícias negativas sobre o mundo atingem níveis sem precedentes



Nota: As visões negativas são definidas como analogias textuais de distorções cognitivas em sequências de uma a cinco palavras refletindo depressão, ansiedade e outras distorções, publicadas em 14 milhões de livros em Inglês, Espanhol e Alemão ao longo dos últimos 125 anos.

Fonte: Bollen e outros 2021.

Sentimentos de angústia estão a aumentar praticamente por todo o lado.

Uma análise de mais de 14 milhões de livros publicados nos últimos 125 anos em três línguas principais mostra um aumento acentuado das expressões de ansiedade e preocupação em muitas partes do mundo (figura 5).³² Outras investigações sobre escalas temporais mais pequenas relatam um aumento constante das preocupações com a incerteza desde 2012, muito antes do surto de Covid-19.³³

No início deste ano, o Relatório Especial sobre a Segurança Humana do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento encontrou níveis igualmente preocupantes de percepção de segurança. Mesmo antes da pandemia de Covid-19, 6 em cada 7 pessoas a nível mundial sentiam-se inseguras.³⁴ A percepção da insegurança humana é elevada em todos os grupos do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e cresceu mesmo em alguns países com o IDH muito elevado (figura 6). A polarização tem-se movido em simultâneo nos últimos anos. Em paralelo, verifica-se uma quebra de confiança: globalmente, menos de 30 por cento das pessoas pensam que a maioria das pessoas é de confiança, o valor mais baixo de que há registo (ver capítulo 4 do Relatório completo).

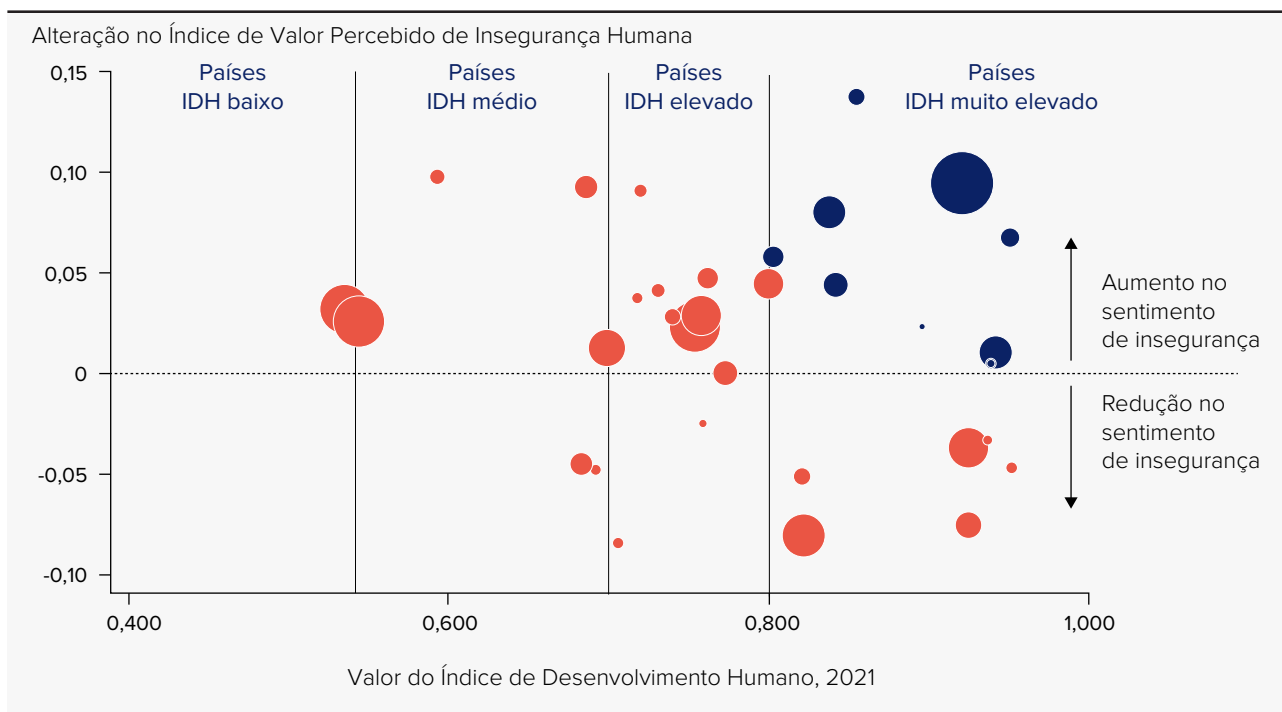
Estes e outros dados pintam um quadro confuso no qual as percepções das pessoas sobre as suas vidas e as suas

sociedades contrastam fortemente com medidas historicamente importantes de bem-estar agregado, incluindo medidas multidimensionais de bem-estar de longa data, tais como o IDH e outros índices que acompanham este Relatório. Em suma, um duplo paradoxo: progresso com insegurança e progresso com polarização.

O que está a acontecer?

Demasiadas vezes a resposta é reduzida a perguntas sobre se os dados ou as pessoas estão errados. Muito provavelmente, nenhum dos dois. Embora as pessoas tendam a expressar uma visão holística da sua vivência, as perguntas feitas sobre as suas vidas centram-se frequentemente em subsistemas específicos e mensuráveis dessa experiência: anos de escolaridade, esperança de vida, rendimentos. Contudo, por mais importantes que estas métricas sejam – e são – não captam a totalidade de uma vivência. Na verdade, nunca tiveram a intenção de refletir o conceito completo de desenvolvimento humano, que vai muito além das realizações em matéria de bem-estar, como a redução da pobreza ou da fome, incluindo noções igualmente importantes de liberdade e ação, que em conjunto ampliam o leque de escolhas na vida das pessoas. Nem as realizações individuais capturam necessariamente a coesão social e a confiança, determinantes para as pessoas por direito próprio e para trabalharem em conjunto na prossecução de objetivos comuns. Em resumo, o duplo paradoxo convida a um olhar rigoroso às conceções limitadas de “progresso.”

Figura 6 A percepção da insegurança humana está a aumentar na maior parte dos países, mesmo em alguns países com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) muito elevado



Nota: O tamanho da bolha representa a população do país.

a. Refere-se à mudança no Índice de Segurança Humana Percebida entre as ondas 6 e 7 do Inquérito aos Valores Mundiais para países com dados comparáveis.

Fonte: PNUD 2022.

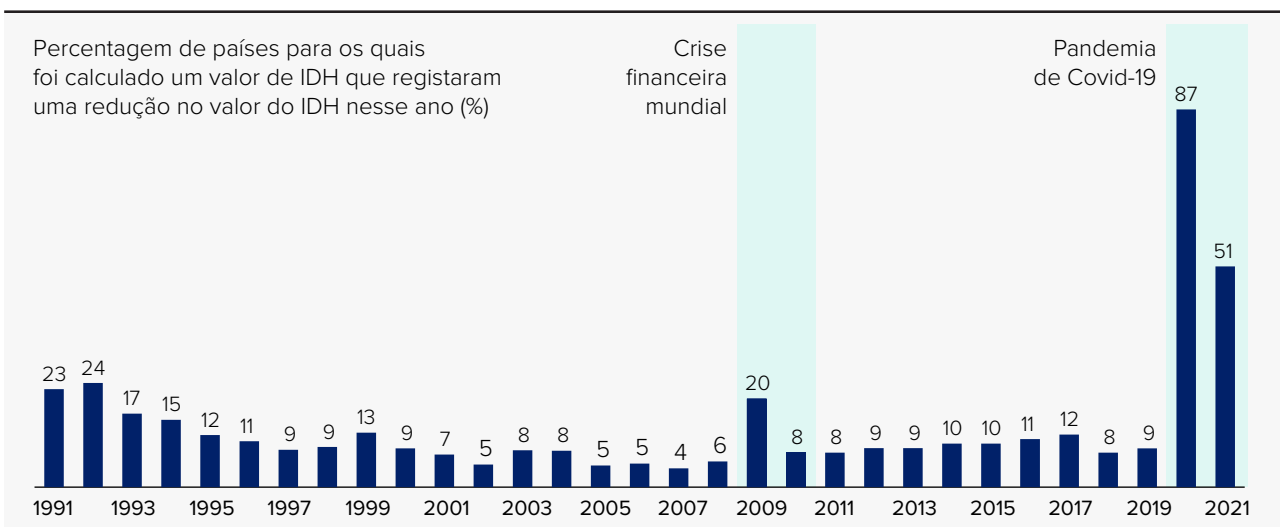
O Relatório do Desenvolvimento Humano de 2019 enfatizou ir além das médias para compreender a ampla e crescente variação nas capacidades no seio de muitos países. Identificou lacunas crescentes nas capacidades melhoradas, tais como o acesso ao ensino superior e a esperança de vida aos 70 anos de idade, lacunas que também podem ajudar a explicar a aparente desconexão entre o que as pessoas dizem sobre as suas vidas e o que medimos sobre elas. Estas não são explicações que se excluem mutuamente; todas são possíveis, até prováveis.³⁵

As capacidades enfrentam futuros mais voláteis ao mesmo tempo que se tornam cada vez mais importantes para ajudar as pessoas a navegar nas incertezas sistémicas de uma nova época. Obter ganhos pode tornar-se ainda mais difícil, assim como mantê-los. O recuo pode tornar-se mais repentino ou comum ou ambos; isso foi evidente durante a pandemia de Covid-19. Pela primeira vez, o valor global do IDH diminuiu, conduzindo o mundo de volta ao período imediatamente após a adoção da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável e do Acordo de Paris. Todos os anos, alguns países

diferentes apresentam quedas nos seus respetivos valores de IDH, mas 90 por cento dos países viram o seu valor de IDH cair quer em 2020, quer em 2021 (figura 7), muito superior ao verificado na sequência da crise financeira mundial de 2008. O ano passado assistiu a alguma recuperação a nível mundial, mas foi parcial e desigual: a maioria dos países com IDH muito elevado registou melhorias, enquanto a maioria dos restantes registou declínios contínuos (figura 8).

O objetivo do desenvolvimento humano é ajudar as pessoas a levarem vidas que valorizam, expandindo as suas capacidades, que vão além das conquistas de bem-estar para incluir a agência e as liberdades. Se a incerteza forma nuvens de tempestade sobre todos os aspetos do desenvolvimento humano, então lança relâmpagos sobre a ideia de agência. Pode retirar poder. As escolhas medeiam a tradução dos nossos valores e compromissos em realizações, mas a ideia de escolha torna-se cada vez mais abstrata, por muito educados ou saudáveis que sejamos, se duvidarmos que as escolhas que fazemos produzirão os resultados que desejamos. Perder o controlo cuja percepção foi adquirida quando comparado

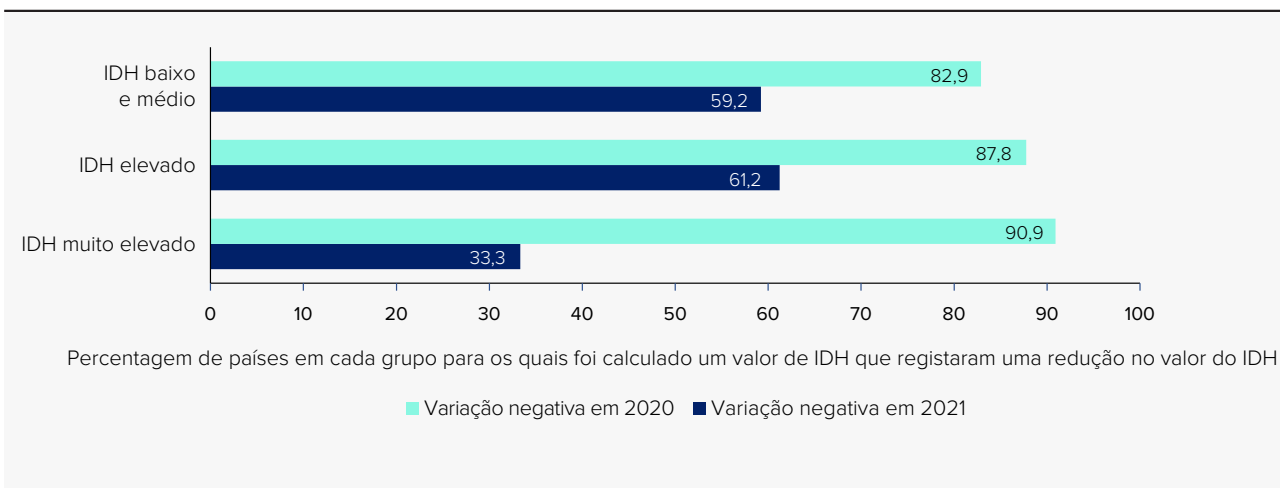
Figura 7 Os declínios recentes do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) encontram-se generalizados, com mais de 90 por cento dos países a sofrer um declínio em 2020 ou 2021



Fonte: Gabinete do Relatório do Desenvolvimento Humano cálculos baseados em dados de Barro and Lee (2018), FMI (2021b, 2022), DAESNU (2022a, 2022b), Instituto de Estatística da UNESCO (2022), UNSD (2022) e Banco Mundial (2022).

Nota: O período da crise financeira mundial é indicativo.

Figura 8 Quase todos os países registaram inversões no desenvolvimento humano no primeiro ano da pandemia de Covid-19, a maioria dos países com um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) baixo, médio e elevado registaram quedas contínuas no segundo ano



Fonte: Gabinete do Relatório do Desenvolvimento Humano cálculos baseados em dados de Barro and Lee (2018), FMI (2021b, 2022), DAESNU (2022a, 2022b), Instituto de Estatística da UNESCO (2022), UNSD (2022) e Banco Mundial (2022).

com nunca o ter tido tem as suas próprias consequências negativas, tal como os efeitos colaterais: uma tendência para identificar culpados ou vilões, uma desconfiança nas instituições e elites, maior insularidade, nacionalismo e discórdia social. A incerteza pode contribuir para exacerbar uma mistura tóxica.

A tecnologia é uma espada de dois gumes

O poder das novas tecnologias potencia, ainda mais, esse exacerbamento. Desde as notícias, produtos e anúncios que nos servem até às relações que construímos *online* e na vida real, cada vez mais as nossas vidas estão a ser determinadas por algoritmos e, em particular, pela inteligência artificial. Para as pessoas que estão *online*, cada

aspecto das suas vidas transforma-se em dados comercializáveis, levantando questões preocupantes acerca de quem tem acesso a que informação – especialmente se estiver em causa informação pessoal sensível – e como está a ser comercializada.³⁶

O político, comercial e pessoal misturam-se nos meios de comunicação social, repletos de ruidosas câmaras de eco porque atraem olhares, o que por sua vez atrai publicidade e outras receitas. Pelo menos metade do ruído *online* é proveniente de programas concebidos para agitar as hostes.³⁷ A desinformação move-se mais depressa e vai mais longe do que a informação que foi sujeita a um escrutínio fundamentado, semeando desconfiança e avivando, talvez o mais grave tipo de incerteza: não saber distinguir entre os dois. Fazer a distinção vai além do objetivismo claro ou da dependência de um conjunto de factos universais, científicos ou outros. O raciocínio motivado, no qual as pessoas seleccionam factos, peritos e outras fontes de informação fidedignas que confirmam as suas crenças já existentes, está disseminado por todos os espectros políticos e níveis de educação (ver capítulo 3 do Relatório completo). A polarização pode assumir formas perigosas quando diferentes grupos operam com conjuntos de factos e, portanto, realidades totalmente diferentes, especialmente quando essas realidades estão ligadas a identidades de grupo. As tecnologias transformam então meros desentendimentos em batalhas campais pela sobrevivência (ver capítulo 4 do Relatório completo).

Dadas as formas como a utilização da tecnologia tem um impacto negativo a nível social, os seus efeitos nocivos a nível comunitário e individual também não constituem uma surpresa. Como está presente em tantas partes das nossas vidas, a tecnologia é uma espada de dois gumes. A inteligência artificial irá criar e destruir tarefas, provocando disrupção. A biologia sintética expande fronteiras na saúde e na medicina ao mesmo tempo que levanta questões fundamentais acerca do que significa ser humano. Desde a invenção da escrita à prensa de impressão de Gutenberg até às primeiras transmissões de rádio de Marconi, as tecnologias tem vindo a ligar as pessoas cada vez mais rapidamente de novas maneiras, sendo que hoje em dia isso ocorre de forma instantânea e através de longas distâncias. Atualmente, a telemedicina é especialmente valiosa nas zonas rurais ligadas digitalmente e tem sido vital para a saúde mental e física durante a pandemia.³⁸

Ao mesmo tempo, de forma paradoxal, a tecnologia pode isolar. Verificou-se que a utilização da Internet reduziu a interação *offline*, a participação política e várias formas de

envolvimento cívico e cultural.³⁹ As consequências de substituição do digital pelo real são complexas e serão ainda mais quando os mundos virtuais – o metaverso – ocuparem mais espaço. A ciberperseguição é um problema nas redes sociais. As multidões zangadas do Twitter, mobilizadas por vezes pela desinformação, podem digitalmente colocar alcatrão e penas em alguém mais rapidamente do que na vida real. Por vezes, isso traduz-se em violência na vida real ou em política da vida real. O vício digital é uma preocupação real. As recompensas aleatórias sob a forma de *likes* no Instagram ou no TikTok ou a adrenalina do *clickbait* são essencialmente truques cognitivos que estão no centro da maioria dos casos da vida real (ver capítulo 2 do Relatório completo).⁴⁰

O bem-estar mental está a ser atacado

O bem-estar mental é um assunto importante e complexo a nível mundial, sem qualquer condutor, tecnológico ou outro. A angústia mental, cuja prevenção é um aspeto crítico do bem-estar mental global, é agravado por incertezas e inseguranças de todas as faixas: por grandes fenómenos antropocénicos, tais como as alterações climáticas; por flagelos antigos de discriminação, exclusão, conflito e violência; e por participantes relativamente mais recentes, tais como as redes sociais e outras tecnologias.

Espera-se que as incertezas do Antropoceno prejudiquem o bem-estar mental das pessoas através de quatro vias principais: eventos traumatizantes, doenças físicas, ansiedade climática geral e insegurança alimentar (ver capítulo 2 do Relatório completo). Os efeitos que estes e outros percursos têm sobre as crianças em particular são profundos, alterando o desenvolvimento do cérebro e do corpo, especialmente em famílias com níveis sociais mais baixos, diminuindo potencialmente o que as crianças podem alcançar no decurso da sua vida. O Relatório do Desenvolvimento Humano de 2019 explorou a forma como as desigualdades ao nível do desenvolvimento humano se perpetuam ao longo das gerações;⁴¹ não é difícil ver como a confluência de angústia mental, desigualdade e insegurança fomentam um ciclo entre gerações igualmente prejudicial que constitui um entrave ao desenvolvimento humano.

“Espera-se que as incertezas do Antropoceno prejudiquem o bem-estar mental das pessoas através de quatro vias principais: eventos traumatizantes, doenças físicas, ansiedade climática geral e insegurança alimentar

A violência, até mesmo a ameaça de violência, na sua incerteza, é o principal fator de angústia mental. Alguns sobreviventes e testemunhas de violência sofrem traumas – que se não forem tratados adequadamente podem evoluir para transtorno de *stress* pós-traumático, entre outras condições crônicas de saúde – que podem ser determinantes no conjunto de escolhas de que dispõem. A violência pode ser direcionada para uma pessoa ou grupo de pessoas, mas afeta todos no seu raio de alcance. Até mesmo os perpetradores de violência podem sofrer traumas devido ao cenário violento que frequentemente os rodeia, como acontece com o crime organizado ou a violência de grupo.⁴²

As perdas resultantes de violência estendem-se muito para lá de lesões ou traumas físicos, mentais e emocionais diretos. A violência pode causar e exacerbar todo o tipo de inseguranças – alimentares, económicas, entre outras – que são, por si só, as principais forças motrizes da angústia mental. Diversos tipos de violência, desde a violência intrapessoal ao crime organizado e ao conflito armado, minam perniciosamente a confiança nas pessoas (nas que conhecemos e nas que não conhecemos). As quebras de confiança podem gerar mais instabilidade, mais violência.

“Os distúrbios mentais pesam no desenvolvimento humano de muitas formas. Uma questão de saúde em si, estão frequentemente ligados a outros desafios de saúde. Podem impedir a frequência escolar e a aprendizagem, bem como a capacidade de encontrar um emprego e de ser plenamente produtivo. O estigma que com frequência acompanha os distúrbios mentais piora a situação

Segue-se a perda de agência devido à violência. A complexa interação de forças, arraigada em assimetrias de poder, está poderosamente em ação na violência dos parceiros íntimos, cujas sobreviventes são predominantemente mulheres e que está correlacionada com alguns indicadores de dependência económica das mulheres (ver capítulo 2 do Relatório completo). Os canais de domínio a nível social e institucional podem assumir formas concentradas e perversas, especialmente para as mulheres, crianças e pessoas idosas, atrás do que se pretende que sejam as paredes seguras de um lar, deixando as pessoas sujeitas a abusos domésticos com a percepção ou a realidade de não poderem escapar. O subsequente aprisionamento de pessoas viola os direitos humanos, constringe a agência e acaba por prejudicar a nossa capacidade coletiva de navegar numa nova era turbulenta.

Como tem acontecido, a pandemia de Covid-19 é ameaçadoramente ilustrativa. Durante o primeiro ano da pandemia, a prevalência mundial da depressão e ansiedade aumentou em mais de 25 por cento.⁴³ As pessoas de baixos rendimentos, especialmente as que lutam por satisfazer necessidades básicas como o arrendamento e a alimentação, sofreram de forma desproporcionada em vários países.⁴⁴ As mulheres, que assumiram a maior parte do trabalho adicional doméstico e de cuidados que surgiram durante os encerramentos de escolas e os confinamentos,⁴⁵ enfrentaram uma angústia mental muito maior do que antes da crise.⁴⁶

Os fatores de *stress* não precisam de atingir o nível de trauma globalizado para causar angústia mental. De facto, uma das mais graves ameaças económicas ao bem-estar mental parece resultar de repetidos choques financeiros, tais como perda de rendimentos, especialmente para as pessoas pobres e para os homens.⁴⁷ A insegurança económica – ou apenas a percepção dessa insegurança, mesmo que transitória – é um fator importante. A angústia mental é uma das razões pelas quais as deslocções económicas, seja da globalização ou automatização ou da eliminação gradual dos combustíveis fósseis, acarretam alguns grandes riscos subvalorizados.

Os distúrbios mentais, tais como o *stress* pós-traumático e a depressão, podem desenvolver-se quando a angústia mental é grave e não é tratada. Quase mil milhões de pessoas, uma em cada oito de nós, vive com um distúrbio mental,⁴⁸ fornecendo uma estimativa por baixo do problema mais vasto das perturbações mentais. Mundialmente, os problemas de saúde mental são a causa principal de incapacidade. Contudo, dos que precisam de atenção ou tratamento de saúde mental, apenas cerca de 10 por cento o recebem.⁴⁹ Em média, os países gastam menos de 2 por cento dos seus orçamentos para a saúde com a saúde mental.⁵⁰

Os distúrbios mentais pesam no desenvolvimento humano de muitas formas. Uma questão de saúde em si, estão frequentemente ligados a outros desafios de saúde. Podem impedir a frequência escolar e a aprendizagem, bem como a capacidade de encontrar um emprego e de ser plenamente produtivo. O estigma que com frequência acompanha os distúrbios mentais piora a situação. Os distúrbios mentais são um desafio único porque o principal instrumento para navegar nos desafios da vida, a mente, é precisamente aquilo em que as pessoas que vivem com uma perturbação mental podem não ser capazes de confiar. A outra coisa em que tendemos a confiar são as relações. Se estas também sofrerem, as pessoas são deixadas ainda mais isoladas e vulneráveis.

Transformações intencionais introduzem as suas próprias incertezas

O novo e atual complexo de incertezas não se refere apenas às pressões planetárias do Antropoceno e à polarização política e social; trata-se também de transformações sociais intencionais que procuram aliviar as pressões planetárias e potenciar o potencial positivo das novas tecnologias (ver capítulo 1 do Relatório completo). Dos sistemas energéticos à produção de alimentos, passando pelos transportes, o abrandamento das pressões planetárias exige mudanças fundamentais em grande parte do funcionamento atual do mundo. É um investimento necessário e extremamente compensador – ética, ambiental e economicamente – mas vem com as suas próprias incertezas relevantes, especialmente para economias, meios de subsistência e orçamentos.⁵¹

As transições energéticas necessárias para enfrentar a crise climática serão desafiantes mesmo nos melhores tempos. Tornam-se ainda maiores quando sobrepostas sobre as desigualdades e a fragmentação social, o rápido corte de rutura tecnológica e as perigosas mudanças planetárias. A reação adversa em alguns países a várias formas de tributação da energia ou de fixação do preço do carbono é um exemplo. Contudo, por muito bem-vindas que sejam as novas tecnologias de energias renováveis, a preços de mercado competitivos, elas têm os seus próprios custos e riscos ambientais, incluindo os relacionados com a exploração mineira para fornecer os materiais para os painéis solares e turbinas eólicas mundiais.⁵²

As pessoas preocupam-se, com razão, acerca dos vencedores e perdedores quando surgem grandes alterações no horizonte. Sim, a economia verde poderá acrescentar mais de 24 milhões de empregos em todo o mundo até 2030.⁵³ Esta é uma oportunidade fantástica para as pessoas e para o planeta. Mas estes postos de trabalho não estarão necessariamente nas mesmas regiões que estão a perder postos de trabalho à medida que as indústrias de combustíveis fósseis encerram. Nem vão requerer as mesmas competências que uma economia baseada em combustíveis fósseis. Ninguém parece especialmente interessado numa fatia global maior se temer que a sua fatia esteja a ficar mais pequena.

Não precisamos de previsões ou livros de história para sabermos que as transformações sociais, por muito bem planeadas ou não, por muito “boas” ou não, podem reformular radicalmente as comunidades, muitas vezes de formas inesperadas, onde não é possível “fazer de novo”

se as coisas correrem mal. Por todo o mundo as pessoas têm vivenciado transformações, algumas em curso, ao longo das suas vidas. Vêem-nas com os próprios olhos. As transformações em energia e materiais requeridas agora e pressagiadas no Antropoceno provocam ainda mais convulsões, que alguns acreditam ser tão grandes como a passagem de sociedades agrícolas para sociedades industriais.⁵⁴

Quer seja o advento da agricultura ou da Revolução Industrial, os movimentos tectónicos anteriores estenderam-se tipicamente através de múltiplas gerações. Agora, podem acontecer numa geração, numa questão de anos, introduzindo uma nova espécie de incerteza ou preocupação. Seja através da previsão ou da experiência, isso irá influenciar a forma como as pessoas pensam e investem nas suas vidas, famílias e comunidades e irá responsabilizar os seus líderes. Estas não são razões para desistirmos de uma economia verde; não podemos dar-nos ao luxo de desistir. Mas se não compreendermos as ansiedades presentes e futuras das pessoas e não abor-darmos as forças motrizes subjacentes, se não construirmos confiança e a promessa de um futuro melhor, será ainda mais difícil progredirmos no sentido de transformações com propósito, justas e sustentáveis.

O resultado final do atual complexo de incerteza no desenvolvimento é profundo. Podemos estar perante um crescente desajustamento entre o que é necessário para navegar nas incertezas novas, interagindo com o atual estado de coisas, categorizado por arranjos sociais (o que fazer – em termos de políticas, instituições) e os comportamentos moldados pelo contexto social, cultura e narrativas (como fazê-lo – em termos de identidades, valores e crenças prevalecentes). A interação de forças, as suas escalas, velocidades, interligações e consequências desconhecidas, tornaram os percursos de desenvolvimento simultaneamente muito menos óbvios e muito mais abertos. O que deve acontecer a seguir já não pode ser considerado como garantido. Uma marcha linear de progresso em que os países com um baixo rendimento perseguem os de rendimento mais elevado é menos relevante. Em certo sentido, todos os países são países em vias de desenvolvimento, traçando juntos um novo rumo planetário, independentemente de trabalharem em conjunto para o fazer.

“Em certo sentido, todos os países são países em vias de desenvolvimento, traçando juntos um novo rumo planetário, independentemente de trabalharem em conjunto para o fazer.

Figura 9 Existem mais possibilidades para a inteligência artificial aumentar a atividade humana do que para automatizar tarefas existentes



Nota: A figura é ilustrativa.

Fonte: Gabinete do Relatório do Desenvolvimento Humano, com base em Brynjolfsson (2022).

A questão já não é simplesmente como alguns países passam do ponto A para o ponto B; em vez disso, é como todos os países começam a deslocar-se de onde quer que estejam para os pontos N, T ou W – ou letras de algum novo alfabeto – e depois corrigir o curso ao longo do caminho. O desenvolvimento é agora encarado como um processo caracterizado tanto pela adaptação a uma realidade desconhecida em desenvolvimento como pela transformação propositada das economias e sociedades para aliviar as pressões planetárias e fazer avançar a inclusão.⁵⁵

Existe promessa e oportunidade na incerteza

Se a necessidade é a mãe da invenção, então as mesmas forças que dão origem às incertezas de hoje também oferecem os meios para as navegar. A incerteza engendra a possibilidade de mudança, também para melhor. Considere-se a inteligência artificial, simultaneamente uma oportunidade e uma ameaça disruptiva. O seu potencial para melhorar a mão-de-obra é maior do que o seu potencial para a automatizar. Novas tarefas, novos empregos, novas indústrias, todos se afiguram como uma possibilidade (figura 9). Recordemos que a maioria dos empregos surgiu em parte através dos efeitos criadores de trabalho das novas tecnologias: cerca de 60%

das pessoas nos Estados Unidos estão agora empregadas em cargos que não existiam em 1940.⁵⁶ Não podemos, contudo, dar-nos ao luxo de ficar à espera por muito mais tempo. Os impactos negativos do deslocamento da inteligência artificial são demasiado grandes, demasiado prováveis e demasiado rápidos, especialmente se os incentivos à substituição de mão-de-obra dominarem o seu desenvolvimento. As políticas têm de ser postas em prática e as instituições têm de assumir o seu papel, garantindo que a inteligência artificial é orientada para as pessoas e não em seu detrimento, de forma a desbloquear e antecipar o seu potencial de transformação positiva.

Já estamos a testemunhar o lado positivo da inteligência artificial em muitas áreas (ver capítulo 5 do Relatório completo). Entre as suas muitas aplicações relacionadas com o clima, ajuda a modelar os impactos das alterações climáticas e na previsão de catástrofes. Na educação, pode facilitar a aprendizagem individualizada e melhorar a acessibilidade. Na biologia, revolucionou a previsão de pregueamento de proteínas, uma enorme vantagem para a medicina.⁵⁷

Entre as muitas consequências da pandemia de Covid-19, uma delas foi o aguçar da nossa imaginação.

Expandiu os pontos de referência para o que é possível (ver capítulo 5 no Relatório completo). Note-se o rápido desenvolvimento e distribuição em muitos, mas não em todos os países, de vacinas Covid-19 seguras e eficazes, algumas baseadas em novas tecnologias de mRNA que são promissoras na prevenção e tratamento de muitas outras doenças. A pandemia normalizou as licenças por doença pagas, o distanciamento social voluntário e o autoisolamento, tudo importante para a nossa resposta a futuras pandemias.

As intervenções dos bancos centrais, a uma escala sem precedentes ao longo dos últimos dois anos, anulam as suas intervenções, então inéditas, na sequência da crise financeira global cerca de uma década antes. A política fiscal também sofreu uma alteração radical. A proteção social aumentou, protegendo muitas pessoas de impactos ainda piores da pandemia de Covid-19, ao mesmo tempo que fornece casos de ensaio em larga escala de ideias inovadoras: ligando registos nacionais e bases de dados para determinação de elegibilidade; alargamento da cobertura a beneficiários anteriormente não abrangidos, tais como refugiados, migrantes e trabalhadores informais; e adoção de sistemas de verificação digital e entrega, entre outras medidas pioneiras.⁵⁸

A sociedade civil também tem vindo a desbravar novos caminhos. Em muitos lugares a pandemia de Covid-19 galvanizou organizações da sociedade civil para dar respostas de emergência, em alguns casos assumindo novas funções.⁵⁹ Em resposta ao aumento dos poderes governamentais de emergência, algumas entidades da sociedade civil têm vindo a reforçar as atividades de vigilância, enquanto outras fazem pressão para resolver os desequilíbrios sociais, económicos e políticos postos a nu pela pandemia.

Como a pandemia de Covid-19 mostrou, o crescente desfasamento entre o mundo tal como ele é (ou está a tornar-se) e as formas convencionais de compreender e fazer as coisas – de tal forma que cada vez mais a vida carece de uma bússola ou estrutura óbvia – pode ser vista como uma oportunidade para inovar. Pode ser uma oportunidade para imaginar, experimentar e criar, de forma semelhante ao trabalho de um cientista ou artista. As instituições existentes podem ser transformadas, e novas instituições podem ser criadas, juntamente com novos líderes, movimentos sociais e normas. Tal como muitos cientistas e artistas, que respondem com frequência a preocupações práticas pessoais e societárias, este processo de reconstrução contínua e criativa a todos os níveis é uma

resposta prática ao atual complexo de incerteza. Teremos de encontrar formas de renovar, adaptar e criar instituições face às suas inevitáveis deficiências num mundo em que a mudança é imprevisível. Teremos de experimentar, de cooperar, a fim de prosperar.

Se o não fizermos – isto é, se reforçarmos o *status quo*, quando este é parte do problema, ou limitarmos as nossas aspirações a um “regressar à normalidade” – o fosso entre um mundo em mudança e um conjunto de normas e instituições intrincadas atingirá proporções abismais. As oportunidades de inovação e boa liderança são sugadas pelo poder e o fascínio pelas receitas simples e as gratificações fáceis e imediatas combinam-se para agravar o problema. Existe promessa e perigo na incerteza e disrupção; fazer pender a balança em direção à promessa, e à esperança, depende de nós.

Um portefólio de perspetivas ajuda num mundo inquieto

Fazer pender a balança em direção à promessa exige que continuemos a testar as barreiras do pensamento convencional, para abraçar um portefólio evolutivo de perspetivas a partir do qual se possa desenhar, mesclar e combinar à medida que os contextos emergentes o solicitem. Por exemplo, políticas e instituições a todos os níveis necessitam de ir além da presunção de que as pessoas estão apenas, ou mesmo predominantemente, interessadas em si próprias (ver capítulo 3 do Relatório completo). Esta presunção, apesar de extremamente relevante, não engloba a totalidade do comportamento humano. As suas limitações foram salientadas e abordadas, pelo menos parcialmente, por um trabalho complementar e pioneiro em economia comportamental. Ainda assim, devemos procurar perspetivas mais amplas no que respeita ao processo de tomada de decisões, que considerem os papéis das emoções e da cultura e que explorem a forma como, em conjunto, as pessoas se constroem e mudam narrativas impregnadas de valores sobre si próprias e sobre as várias comunidades a que pertencem. Por exemplo, a nossa relação com a natureza necessita de ser renovada, e as narrativas culturais são a base.

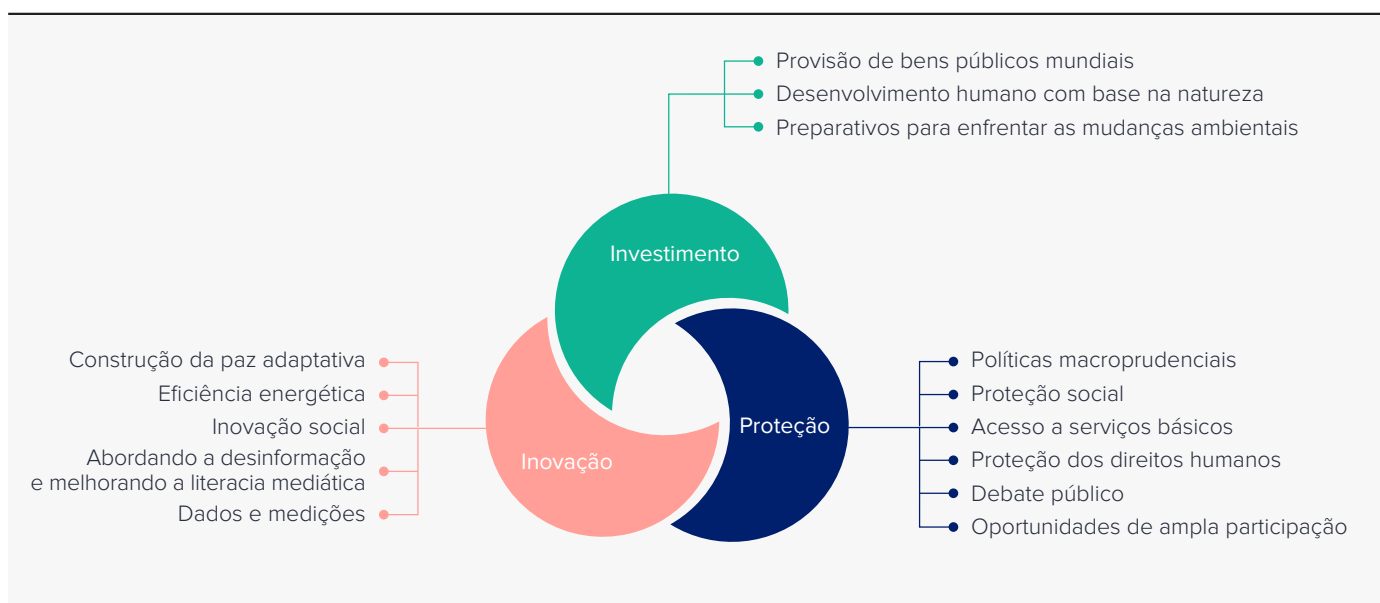
“Para responder criativa e habilmente ao atual complexo de incerteza, precisamos de derrubar barreiras à imaginação das pessoas, identidades e redes, para expandir a ideia do que é possível nas vidas das pessoas

Tal como devemos alargar a visão sobre o comportamento humano, as noções de desenvolvimento humano devem ir para lá do foco nas realizações de bem-estar, por mais importantes que ainda sejam, de molde a incluir a essencialidade da agência e das liberdades, contribuindo para que as pessoas vivam vidas que valorizem (ver capítulo 3 do Relatório completo). Ao fazê-lo, iluminamos os aparentes paradoxos da nossa era: progresso com insegurança e progresso com polarização. Uma abordagem integrada do desenvolvimento humano pode ser como um farol em tempos turbulentos, especialmente quando a listagem das políticas convencionais simplesmente já não surte qualquer efeito. Para responder criativa e habilmente ao atual complexo de incerteza, precisamos de derrubar barreiras à imaginação das pessoas, identidades e redes, para expandir a ideia do que é possível nas vidas das pessoas. Embora as crises possam apresentar oportunidades para uma ação inovadora, o melhor é agirmos deliberada e em vez de persistirmos num estado crónico de emergência de respostas. Numa era de incertezas estratificadas e em interação, as liberdades podem não se traduzir de forma fiável em realizações ou resultados desejados. Essa é a lamentável notícia. Mas os indivíduos, as famílias e as comunidades podem ser habilitados a experimentar, a testar coisas novas, em seu benefício e para os outros, sem medo de ficar presos na pobreza, numa única identidade ou numa narrativa cultural.

A rigidez, nas suas múltiplas dimensões – nas ideias, nas redes, nas narrativas – atua como um prego na criatividade humana; refreia a criação de ideias inovadoras aptas a responder a um mundo em mudança. Agência e liberdades são antídotos. As políticas, as instituições e a mudança cultural que as promovem tendem a ser acolhidas quando estão em causa quatro princípios motivadores: flexibilidade, solidariedade, criatividade e inclusão (ver também capítulo 6 do Relatório completo). Estes princípios, que podem reforçar-se mutuamente, contribuirão em muito para tornar as políticas e instituições mais adequadas aos fins a que se destinam.

Os quatro princípios podem também ter as suas próprias tensões internas. A construção de sistemas com algumas redundâncias estabilizadoras, por exemplo, carece de ser equilibrado através de uma capacidade de resposta ágil. Ainda assim, é difícil ser-se rápido quando se está constantemente a ser derrubado por uma derrocada financeira, um novo vírus ou um furacão monstruoso. Da mesma forma, existe um dar e receber da exploração criativa e da ação conjunta e, propositadamente, ancorada nos direitos humanos. Conseguir um equilíbrio certo os quatro princípios motivadores é fundamental, sendo a confiança uma condição essencial para esse propósito. As pessoas suspeitarão da mesa de negociações se acreditarem que as regras do jogo estão viciadas. O desenvolvimento de políticas será um processo reiterado, de julgamento e erro, no qual todos devemos aprender uns com os outros.

Figura 10 Tornar as pessoas mais seguras através do investimento, proteção e inovação



Fonte: Gabinete do Relatório do Desenvolvimento Humano.

Políticas e instituições para investir, proteger e inovar

Não existem políticas panaceia, nem abordagens do tipo "pronto-a-vestir". Mesmo assim, algumas políticas formam os alicerces para os países e comunidades enquanto navegam no complexo de incertezas que caracteriza os dias de hoje em direção a futuros mais esperançosos. Estão classificados em três categorias sobrepostas que se reforçam mutuamente: investimento, proteção e inovação, os três I's (figura 10; ver também capítulo 6 do Relatório completo).

O investimento deverá ligar os pontos. O desenvolvimento humano baseado na natureza pode proteger e melhorar os recursos naturais, ao mesmo tempo que protege as pessoas de choques, promovendo a segurança económica e alimentar e expandindo as escolhas que lhes são disponibilizadas. Tais investimentos são especialmente relevantes a nível local, dirigidos à necessidade de investir numa governação ligada às pessoas no terreno, que construa pontes entre os silos políticos e institucionais e que assegure que todas as vozes são ouvidas. Os investimentos são necessários, também, por outro lado, nos bens públicos mundiais. O novo complexo de incerteza é com frequência impulsionado por fenómenos globais, pelo que dar-lhe resposta requer uma cooperação global. O investimento adicional para evitar futuras pandemias está estimado em apenas 15 mil milhões de dólares por ano.⁶⁰ Esta é uma pequena fração do custo económico da pandemia de Covid-19, um custo que excede 7 biliões de dólares em produção perdida e 16,9 biliões de dólares em respostas fiscais de emergência.⁶¹ Investimentos na preparação para uma pandemia global fazem todo o sentido, dados os custos humanos devastadores.

A proteção fornece uma força estabilizadora essencial face à incerteza. Para começar, estruturas que lidam com uma variedade de riscos na vida das pessoas, principalmente em várias formas de proteção social, precisam de ser revitalizadas e modernizadas, especialmente para pessoas em empregos informais ou outros empregos precários, incluindo trabalhadores temporários. Precisamos inverter o rumo da segmentação do risco e avançar para uma partilha mais ampla do risco. Mais medidas de proteção social contracíclicas podem ser automaticamente desencadeadas por certos indicadores – tais como a perda de um emprego ou uma quebra de rendimento –, assegurando ao mesmo tempo a sua inclusão.

Tais indicadores desempenham um papel importante em muitos países ao protegerem as pessoas de alguns dos piores impactos da crise financeira mundial e da pandemia de Covid-19. Um dos benefícios dos gatilhos automáticos é que requerem menos disputas políticas em momentos já angustiantes, ajudando a direcionar o capital político para as características únicas de um novo obstáculo, em vez de continuamente tapar buracos em redes de segurança com fugas.

Os serviços básicos universais, como a saúde e a educação, são importantes investimentos por direito próprio, como evidenciado nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, e por um desenvolvimento humano em expansão inclusiva. Também têm uma importante função seguradora, ajudando a estabilizar as pessoas face a choques aparentemente implacáveis. Isto pode ajudar a encorajar a experimentação. As pessoas são relutantes em experimentar coisas novas caso isso ponha em risco a sua saúde ou a da sua família e ameace arrastá-las, irreversivelmente, para baixo numa escada socioeconómica.

“A inovação desempenhará um papel fundamental para uma navegação bem-sucedida face aos muitos, imprevistos e desconhecidos desafios que se avizinham

Os investimentos na preparação, para os choques e para as transições de cariz social, podem bem valer o custo. Igualmente importantes são os investimentos na promoção e proteção dos direitos humanos e em mecanismos de deliberação que permitam um diálogo público participativo e inclusivo. Juntos reforçam-se mutuamente contrariando a polarização.

A inovação desempenhará um papel fundamental para uma navegação bem-sucedida face aos muitos, imprevistos e desconhecidos desafios que se avizinham. Algumas das ferramentas atualmente ao nosso dispor serão determinantes no imediato, outras serão modificadas e atualizadas para novos contextos, enquanto outras serão construídas a partir do zero. Em parte, a inovação tem uma estreita ligação com as com novas tecnologias e com a garantia de que estas chegam a todos. As capacidades computacionais correspondentes a milhões de missões Apollo à lua estão agora ao alcance de todos através de um smartphone, algo que constitui uma realidade praticamente universal.⁶² Nos países em vias de desenvolvimento, os telemóveis redesenharam as transferências financeiras e o acesso à informação, tal como

sucedem, por exemplo, com as previsões meteorológicas e com os preços de mercado grossista. São necessários novos modelos de proteção que respondam a novos e complexos paradigmas de risco: riscos cada vez mais sincronizados entre geografias e setores, que abrangem gerações e que prejudicam os recursos naturais.

O papel “certo” dos governos na inovação é uma questão importante, até porque os governos são fundamentais na promoção de contextos para a inovação. Verificou-se um apoio generalizado aos governos quando estes utilizaram todo o seu peso em prol da vacina Covid-19, especialmente quando se comprometeram com um conjunto surpreendente de pré-encomendas relativas a uma tecnologia que, até então, não fora comprovada. Ao longo de todo o processo, os governos foram uma força motriz e um parceiro ativo no desenvolvimento e distribuição, introduzindo e implementando uma nova tecnologia, com um enorme potencial para salvar vidas, a um ritmo impressionante. (O contraste com a ação relativamente anémica sobre as alterações climáticas, não menos urgente que a Covid-19, é acentuado.) Os quadros relativos às políticas de inovação, intimamente ligados a outras áreas, tais como a concorrência e a lei das patentes, têm enormes implicações em diversos setores, desde o acesso aos medicamentos e à energia, passando pela segurança alimentar e hídrica.

A inovação não tem de ser grande para produzir grandes resultados. As principais plataformas de comunicação social adotaram políticas tais como avisos, alertas e ligações a recursos numa tentativa de combater a desinformação. Por exemplo, as hiperligações para informações oficiais da Organização Mundial da Saúde são sugeridas em publicações que mencionam a Covid-19 no Instagram, Facebook, YouTube e TikTok. O Twitter recorda aos utilizadores quando estão a partilhar um artigo e não tenham aberto previamente a hiperligação que pretendem partilhar (ver capítulo 4 do Relatório completo). Em linguagem popular, isto é como pedir à raposa para guardar o galinheiro. Por isso, é positivo que, em paralelo, tenham sido criadas iniciativas de verificação de factos pelos utilizadores nestas mesmas plataformas. De igual modo, é assinalável o reforço da pluralidade dos meios de comunicação, nomeadamente a nível local, de raiz e através de novos pontos de venda independentes que não existiam ou que careciam de meios para proceder à divulgação nos meios de comunicação tradicionais. Os governos também podem tomar medidas cautelares para combater a desinformação respeitando e promovendo, ao mesmo tempo, os direitos humanos e as liberdades das pessoas.

Por vezes a resposta pode não ser complexa. A simples adição do botão de *retweet* no Twitter permitiu que a informação, incluindo a desinformação, se tornasse viral. Modificar a sua utilização, como alguns têm argumentado, poderia contribuir para refrear algumas características mais preocupantes das redes sociais.⁶³ A mera correção de estratégias em curso – soluções práticas para problemas práticos – será fulcral para a navegação no novo complexo de incerteza.

A inovação é mais do que tecnologias, tal como as entendemos convencionalmente em termos de vacinas ou smartphones. Igualmente importante é a inovação social, um esforço que diz respeito a toda a sociedade. A construção da paz adaptativa, que se concentra em processos emergentes de baixo para cima e participativos, em vez da mera adesão a uma receita definida, é um exemplo.⁶⁴ Muito pode ser aprendido com a sua aplicação no Ruanda no decurso do processo para a justiça de transição e resolução de conflitos (ver capítulo 6 do Relatório completo).

As mudanças culturais abrem oportunidades para a ação coletiva

As políticas e instituições estão inseridas em contextos sociais, pelo que aspetos como as narrativas também são determinantes. Todos estão imersos em contextos sociais, com a cultura a ser entendida não como uma variável fixa que trabalha em segundo plano, mas como um conjunto de ferramentas que indivíduos e grupos usam estrategicamente na sociedade e que é permeável ao decurso do tempo.

Quando se trata de escolhas sobre o futuro, as pessoas parecem ser menos motivadas por cenários precisos sobre o que o futuro pode reservar do que por narrativas mantidas coletivamente.⁶⁵ Grande parte da informação atual sobre o futuro, sob a forma de estudos, tais como as emitidas pelo Painel Intergovernamental sobre as Alterações Climáticas ou pela Plataforma Intergovernamental de Ciência-Política sobre Biodiversidade e Serviços Ecosistémicos,⁶⁶ são antecipatórias. Por muito cruciais que sejam, é importante ter em consideração estudos capazes de projetar ou imaginar futuros mais desejáveis.⁶⁷

A importância da cultura está a encontrar o seu caminho em muitas outras áreas, incluindo na economia e no direito. O trabalho de Robert Shiller explica a dinâmica dos preços dos ativos, bem como os ciclos económicos

em termos de “economia narrativa.”⁶⁸ Karla Hoff e James Walsh sugerem que a lei afeta o comportamento não só através da mudança de incentivos e informação (uma função de coordenação) ou através do seu papel expressivo (como um posto de orientação para normas sociais), mas também com o potencial de mudar categorias culturais.⁶⁹

A mudança de cultura, para o bem e para o mal, é possível e pode acontecer rapidamente. A educação pode ser uma poderosa ferramenta para cultivar novos valores e atitudes nas gerações mais novas, não apenas através dos currículos, mas considerando as escolas como espaços de inclusão e diversidade. O reconhecimento social pelas elites de todos os setores, desde políticos, celebridades, influenciadores dos meios de comunicação social a líderes comunitários, é um mecanismo importante para a mudança cultural. Os meios de comunicação social nas suas múltiplas formas desempenham, neste ponto, um papel significativo. No Bangladesh um popular e animado programa de televisão reduziu o estigma cultural e religioso das raparigas que frequentam a escola nas zonas rurais e aumentou a sua frequência.⁷⁰ No Gana e no Quênia a campanha Tempo de Mudança contribuiu para reduzir o estigma da saúde mental.⁷¹

A questão não diz respeito apenas aos destinatários dos programas ou públicos-alvo, mas também a quem está a decidir e a quem transmite as mensagens. Por exemplo, a representação das mulheres em organismos políticos altera as prioridades políticas e alarga as aspirações de outras mulheres e raparigas. Os movimentos são fundamentais para o avanço dos direitos humanos e para a mudança de normas e narrativas culturais, para a expansão da agência e das liberdades (ver capítulo 6 do Relatório completo).

“ Os muros entre as nossas ligações sociais são talvez mais insidiosamente prejudiciais e polarizantes do que os muros entre nações

Essencial para narrativas flexíveis e adaptáveis, na construção de confiança e coesão social para futuros mais esperançosos, é a liberdade de cada pessoa ter e mover-se entre diferentes identidades em diferentes contextos sociais (ver capítulo 4 do Relatório completo).⁷² Os muros entre as nossas ligações sociais são talvez mais insidiosamente prejudiciais e polarizantes do que os muros entre nações. As pontes que ligam diferentes grupos estão entre os nossos ativos mais importantes. Os bons líderes reabilitam-nos, reforçam-nos e ajudam-nos a utilizá-los, especialmente perante incógnitas. Os demagogos tentam

destruí-los, substituindo a ligação fluída, a partilha e a aprendizagem por narrativas de soma nula, assentes no discurso nós-contra-eles. Em vez de experimentarem os guiões culturais precisamente quando a experimentação é mais importante, as pessoas ficam presas neles.

Para onde vamos a partir daqui é connosco

Temos de aprender a viver com o atual complexo de incerteza, tal como temos de aprender a viver com a Covid-19. O Relatório do Desenvolvimento Humano deste ano desafia-nos a ambicionar mais do que um mero ajuste. Ao libertar o nosso potencial humano, ao explorar a nossa criatividade e diversidade, ancoradas na confiança e solidariedade, desafia-nos a imaginar e criar futuros nos quais prosperamos. As palavras encorajadoras do falecido, grande poeta e ativista dos direitos civis Maya Angelou soam tão verdadeiras como sempre, lembrando-nos “de trazer todas as nossas energias a cada encontro, de permanecer flexível o suficiente para reparar e admitir quando o que esperávamos que acontecesse não aconteceu. Precisamos de nos lembrar que somos criativos e podemos inventar novos cenários com a mesma frequência com que são necessários.”⁷³

Para onde vamos a partir daqui é connosco. Uma das grandes lições da história da nossa espécie é que podemos realizar muito com muito pouco se trabalharmos em conjunto em prol de objetivos comuns. A existir um ingrediente secreto para a magia humana, será esse. Os desafios presentes no Antropoceno e nas transformações sociais radicais são enormes, assustadores, tanto mais para os países e comunidades que lutam contra as mais dramáticas e injustas privações. A insegurança e polarização pioram as coisas. No meio de tanta incerteza, a verdade é que não vamos conseguir fazer tudo corretamente, nem sequer na maioria das situações. Nesta nova era turbulenta, podemos definir a direção, mas não podemos garantir o resultado. As boas notícias são que temos mais ferramentas que nunca para nos ajudar a navegar e a corrigir o curso. Ainda assim, nenhuma quantidade de magia tecnológica substitui uma boa liderança, ação coletiva e confiança. Se conseguirmos começar a fixar o lado humano da razão planetária – e este Relatório tenta realçar como – o futuro, apesar de incerto, será mais promissor do que perigoso, tal como deveria ser.

Notas

- 1 Conhecedor das discussões em curso acerca de se o Antropoceno pode ser definido como uma nova época geológica, o Relatório adota a perspectiva do Antropoceno como um evento geológico em curso (Bauer e outros 2021.) bem como um evento histórico. Como Wagner-Pacífico (2017, p. 1) argumenta: “Os acontecimentos históricos provocam uma enorme sensação de incerteza. O mundo parece estar fora de si, e as rotinas diárias são, no mínimo, perturbadas. As pessoas sentem frequentemente uma sensação vertiginosa de que uma nova realidade ou era pode estar em construção, mas é uma sensação que ainda não tem uma forma e uma trajetória claras, ou consequências determinadas. [Os acontecimentos implicam uma] dinâmica complexa de “incógnito” e depois de reconhecer um mundo transformado pelos acontecimentos.” Com relevância para a camada de incerteza associada ao Antropoceno enfatizada no Relatório, o autor continua: “Crise ambiental planetária é um acontecimento em que o terreno se *torna* o acontecimento.” (Wagner-Pacífico 2017, p. 165).
- 2 Guterres 2022a, 2022b.
- 3 Grupo Mundial de Resposta à Crise da ONU sobre Alimentação 2022.
- 4 FAO e outros 2021.
- 5 PNUD 2022.
- 6 Satake 2014.
- 7 Toor e outros (2021) estimaram que as vacinas abrangidas no seu estudo evitaram 50 milhões de mortes entre 2000 e 2019. Ver também van Panhuis e outros (2013) para estimativas dos EUA desde o início do século XX.
- 8 Watson e outros 2022.
- 9 Levine e outros 2022.
- 10 Mathieu e outros (2021) com base em dados de O Nosso Mundo em Dados (<https://ourworldindata.org/covid-vaccinations>, acessado em 7 de junho de 2022).
- 11 ONU Mulheres 2021a.
- 12 Haelermans 2022; Saavedra 2021.
- 13 Gill e Saavedra 2022; UNICEF 2020.
- 14 Reinhart e Graf von Luckner 2022.
- 15 Payne e Bellamy 2014.
- 16 IPBES 2019b; Pörtner e outros 2021.
- 17 Ver PNUD (2020).
- 18 Jenner 2022.
- 19 Hughes e outros 2018.
- 20 Guterres 2021.
- 21 PIAC 2021.
- 22 Ord 2020. Estamos gratos a Toby Ord por contribuir com o texto para este parágrafo.
- 23 Estas duas dimensões de incerteza fazem eco do enquadramento proveniente das avaliações das implicações das alterações climáticas para a estabilidade financeira (ver, por exemplo, BIS 2021), que distingue entre duas fontes de risco quando se trata da valorização de ativos: riscos físicos e riscos de transição. Os riscos físicos estão associados à forma como os perigos exacerbados pelas alterações climáticas podem baixar o valor dos bens, por exemplo, como as cheias podem baixar o valor das casas localizadas perto do mar ou em zonas propensas a inundações. Os riscos de transição estão associados a alterações na regulamentação ou nos gostos dos consumidores que podem resultar em ativos irrecuperáveis, por exemplo, se as centrais elétricas a carvão forem proibidas ou rejeitadas pelos consumidores, o valor da extração de carvão e das centrais elétricas a carvão pode entrar em colapso. O Capítulo 1 alarga este quadro olhando para além dos riscos físicos das alterações climáticas, para considerar o conjunto mais vasto de desafios associados ao contexto do Antropoceno e olhando para lá da transição climática para considerar o conjunto mais amplo de elementos associados a uma transição para aliviar as pressões planetárias.
- 24 Pinto e outros 2022.
- 25 Ver a discussão no capítulo 2 de Black e outros (2022).
- 26 Diamond 2015; Hyde 2020.
- 27 Boese e outros 2022.
- 28 Østby, Aas Rustad e Arasmith 2021; PNUD 2022.
- 29 ACNUR 2022.
- 30 Hinrichs 2021; OIT 2018.
- 31 Ver PNUD (2019).
- 32 Bollen e outros 2021.
- 33 Por exemplo, Ahir, Bloom e Furceri (2022) construíram um Índice Mundial de Incerteza baseado na análise de texto de relatórios da Economist Intelligence Unit. Verificaram que as preocupações com a incerteza têm vindo a aumentar constantemente desde 2012, com o início da pandemia de Covid-19 a provocar um pico histórico no índice.
- 34 PNUD 2022.
- 35 PNUD 2019.
- 36 Ver Zuboff (2019).
- 37 Zeifman 2017.
- 38 Demeke e outros 2021; Palozzi, Schettini e Chirico 2020.
- 39 Geraci e outros 2018.
- 40 Ver Polak e Trottier (2020).
- 41 PNUD 2019.
- 42 Connolly e Jackson 2019; Maguen e outros 2009; Nydegger e outros 2019; Osman e Wood 2018.
- 43 OMS 2022a.
- 44 Newson e outros 2021.
- 45 Mesmo antes da pandemia, as mulheres já assumiam a maior parte do trabalho não remunerado de prestação de cuidados e, dados os indicadores de contenção, assumiam ainda mais responsabilidades a cuidar dos seus filhos enquanto trabalhavam à distância em alguns casos (Andrew e outros 2020; Power 2020; Seedat e Rondon 2021; ONU Mulheres 2021b).
- 46 Etheridge e Spantig 2020; Hammarberg e outros 2020; ONU Mulheres 2021b; Wade e outros 2021; OMS 2022a; Xue e McMunn 2021.
- 47 Watson e Osberg 2017.
- 48 *The Lancet Global Health* 2020.
- 49 PAHO 2019.
- 50 OMS 2022b.
- 51 Ver Black e outros (2022) para uma exploração do nexo de segurança ambiental, incluindo uma elaboração de diferentes tipos de riscos que devem ser geridos em transições justas, com princípios orientadores e recomendações de como o fazer.
- 52 Sonter e outros 2020.
- 53 Kimbrough 2021.
- 54 Folke e outros 2021; Zaremba 2022.
- 55 “As transformações, tal como as adaptações, estão também a ser encaradas não como eventos discretos mas sim como cascatas dinâmicas que implicam mudanças multi-dimensionais de regime e mudanças qualitativas associadas nos percursos do desenvolvimento” (Clark e Harley 2020, p. 355).
- 56 Autor, Salomons e Seegmiller 2021.
- 57 Baek e outros 2021; Tunyasuvunakool e outros 2021.
- 58 Hammad, Bacil e Soares 2021.
- 59 Youngs 2020.

-
- 60 Okonjo-Iweala, Shanmugaratnam e Summers 2021.
-
- 61 FMI 2021a.
-
- 62 Segundo a Statista (2022), quase 6,6 mil milhões de assinaturas de smartphones em 2022, cerca de 84 por cento da população mundial. Espera-se que no próximo quinquénio sejam adicionados mais mil milhões de subscrições.
-
- 63 Weiss 2022.
-
- 64 Ver de Coning (2018).
-
- 65 Clark e Harley 2020, p. 367.
-
- 66 IPBES 2019a.
-
- 67 Mach e Field 2017; Pereira e outros 2020.
-
- 68 Shiller 2019.
-
- 69 Hoff e Walsh 2019.
-
- 70 Anis e White 2017.
-
- 71 Potts e Henderson 2021.
-
- 72 Baldassarri e Page 2021.
-
- 73 Angelou 1993, p. 65-66.

Índices de desenvolvimento humano

Classificação do IDH	Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)				Índice de Desenvolvimento Humano por Género		Índice de Desigualdade de Género		Índice de Pobreza Multidimensional ^a			
	IDH Ajustado à Desigualdade (IDHAD)		Perda global ^b (%)	Diferença da classificação do IDH ^c	Valor	Grupo ^c	Valor	Classificação	Valor	Contagem de pessoas (%)	Intensidade da privação (%)	Ano e inquérito ^d
	Valor	Valor										
	2021	2021	2021	2021	2021	2021	2021	2021	2009-2020	2009-2020	2009-2020	2009-2020
Desenvolvimento humano muito elevado												
1 Suíça	0,962	0,894	7,1	-3	0,967	2	0,018	3	..	..	..	..
2 Noruega	0,961	0,908	5,5	0	0,983	1	0,016	2	..	..	..	..
3 Islândia	0,959	0,915	4,6	2	0,976	1	0,043	8	..	..	..	..
4 Hong Kong, China (RAE)	0,952	0,828	13,0	-19	0,976	1	..	..	..	..	..	..
5 Austrália	0,951	0,876	7,9	-6	0,968	2	0,073	19	..	..	..	..
6 Dinamarca	0,948	0,898	5,3	3	0,980	1	0,013	1	..	..	..	..
7 Suécia	0,947	0,885	6,5	0	0,988	1	0,023	4	..	..	..	..
8 Irlanda	0,945	0,886	6,2	2	0,987	1	0,074	21	..	..	..	..
9 Alemanha	0,942	0,883	6,3	1	0,978	1	0,073	19	..	..	..	..
10 Países Baixos	0,941	0,878	6,7	1	0,968	2	0,025	5	..	..	..	..
11 Finlândia	0,940	0,890	5,3	6	0,989	1	0,033	6	..	..	..	..
12 Singapura	0,939	0,817	13,0	-15	0,992	1	0,040	7	..	..	..	..
13 Bélgica	0,937	0,874	6,7	1	0,978	1	0,048	10	..	..	..	..
13 Nova Zelândia	0,937	0,865	7,7	0	0,975	1	0,088	25	..	..	..	..
15 Canadá	0,936	0,860	8,1	1	0,988	1	0,069	17	..	..	..	..
16 Liechtenstein	0,935	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..
17 Luxemburgo	0,930	0,850	8,6	0	0,993	1	0,044	9	..	..	..	..
18 Reino Unido	0,929	0,850	8,5	1	0,987	1	0,098	27	..	..	..	..
19 Japão	0,925	0,850	8,1	2	0,970	2	0,083	22	..	..	..	..
19 Coreia (República da)	0,925	0,838	9,4	-3	0,944	3	0,067	15	..	..	..	..
21 Estados Unidos	0,921	0,819	11,1	-5	1,001	1	0,179	44	..	..	..	..
22 Israel	0,919	0,815	11,3	-8	0,992	1	0,083	22	..	..	..	..
23 Malta	0,918	0,849	7,5	2	0,980	1	0,167	42	..	..	..	..
23 Eslovénia	0,918	0,878	4,4	13	0,999	1	0,071	18	..	..	..	..
25 Áustria	0,916	0,851	7,1	9	0,980	1	0,053	12	..	..	..	..
26 Emirados Árabes Unidos	0,911	..	..	..	0,953	2	0,049	11	..	..	..	..
27 Espanha	0,905	0,788	12,9	-12	0,986	1	0,057	14	..	..	..	..
28 França	0,903	0,825	8,6	2	0,990	1	0,083	22	..	..	..	..
29 Chipre	0,896	0,819	8,6	2	0,972	2	0,123	35	..	..	..	..
30 Itália	0,895	0,791	11,6	-7	0,970	2	0,056	13	..	..	..	..
31 Estónia	0,890	0,829	6,9	7	1,021	1	0,100	28	..	..	..	..
32 Chéquia	0,889	0,850	4,4	14	0,989	1	0,120	34	..	..	..	..
33 Grécia	0,887	0,791	10,8	-4	0,969	2	0,119	32	..	..	..	..
34 Polónia	0,876	0,816	6,8	4	1,008	1	0,109	31	..	..	..	..
35 Barém	0,875	..	..	..	0,927	3	0,181	46	..	..	..	..
35 Lituânia	0,875	0,800	8,6	2	1,030	2	0,105	30	..	..	..	..
35 Arábia Saudita	0,875	..	..	..	0,917	4	0,247	59	..	..	..	..
38 Portugal	0,866	0,773	10,7	-4	0,994	1	0,067	15	..	..	..	..
39 Letónia	0,863	0,792	8,2	2	1,025	1	0,151	40	..	..	..	..
40 Andorra	0,858	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..
40 Croácia	0,858	0,797	7,1	4	0,995	1	0,093	26	..	..	..	..
42 Chile	0,855	0,722	15,6	-8	0,967	2	0,187	47	..	..	..	..
42 Catar	0,855	..	..	..	1,019	1	0,220	54	..	..	..	..
44 São Marino	0,853	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..
45 Eslováquia	0,848	0,803	5,3	8	0,999	1	0,180	45	..	..	..	..
46 Hungria	0,846	0,792	6,4	6	0,987	1	0,221	55	..	..	..	..
47 Argentina	0,842	0,720	14,5	-6	0,997	1	0,287	69	..	..	..	..
48 Turquia	0,838	0,717	14,4	-7	0,937	3	0,272	65	..	..	..	..
49 Montenegro	0,832	0,756	9,1	2	0,981	1	0,119	32	0,005	1,2	39,6	2018 M
50 Kuwait	0,831	..	..	..	1,009	1	0,305	74	..	..	..	..
51 Brunei Darussalá	0,829	..	..	..	0,984	1	0,259	61	..	..	..	..
52 Federação Russa	0,822	0,751	8,6	1	1,016	1	0,203	50	..	..	..	..
53 Roménia	0,821	0,733	10,7	1	0,994	1	0,282	67	..	..	..	..
54 Omã	0,816	0,708	13,2	-7	0,900	4	0,300	72	..	..	..	..
55 Bahamas	0,812	..	..	..	..	..	0,329	78	..	..	..	..
56 Cazaquistão	0,811	0,755	6,9	5	0,998	1	0,161	41	0,002 ^a	0,5 ^e	35,6 ^e	2015 ^M
57 Trindade e Tobago	0,810	..	..	..	0,985	1	0,344	81	0,002 ^a	0,6 ^e	38,0 ^e	2011 ^M
58 Costa Rica	0,809	0,664	17,9	-17	0,996	1	0,256	60	0,002 ^{a,f}	0,5 ^{e,f}	37,1 ^{e,f}	2018 M
58 Uruguai	0,809	0,710	12,2	-3	1,022	1	0,235	58	..	..	..	..
60 Bielorrússia	0,808	0,765	5,3	10	1,011	1	0,104	29	..	..	..	..
61 Panamá	0,805	0,640	20,5	-19	1,017	1	0,392	96	..	..	..	..
62 Malásia	0,803	..	..	..	0,982	1	0,228	57	..	..	..	..
63 Geórgia	0,802	0,706	12,0	-2	1,007	1	0,280	66	0,001 ^a	0,3 ^e	36,6 ^e	2018 M
63 Maurícia	0,802	0,666	17,0	-11	0,973	2	0,347	82	..	..	..	..
63 Sérvia	0,802	0,720	10,2	5	0,982	1	0,131	36	0,000 ^{a,g}	0,1 ^{e,g}	38,1 ^{e,g}	2019 ^M
66 Tailândia	0,800	0,686	14,3	-2	1,012	1	0,333	79	0,002 ^a	0,6 ^e	36,7 ^e	2019 ^M

Continuação →

Classificação do IDH	Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)				Índice de Desenvolvimento Humano por Género		Índice de Desigualdade de Género		Índice de Pobreza Multidimensional ^a			
	IDH Ajustado à Desigualdade (IDHAD)											
	Valor	Valor	Perda global ^b (%)	Diferença da classificação do IDH ^b	Valor	Grupo ^c	Valor	Classificação	Valor	Contagem de pessoas (%)	Intensidade da privação (%)	Ano e inquérito ^d
	2021	2021	2021	2021	2021	2021	2021	2021	2009-2020	2009-2020	2009-2020	2009-2020
Desenvolvimento humano elevado												
67 Albânia	0,796	0,710	10,8	5	1,007	1	0,144	39	0,003	0,7	39,1	2017/2018 D
68 Bulgária	0,795	0,701	11,8	2	0,995	1	0,210	52	..	..	..	..
68 Granada	0,795	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..
70 Barbados	0,790	0,657	16,8	-9	1,034	2	0,268	64	0,009 ^h	2,5 ^h	34,2 ^h	2012 ^M
71 Antígua e Barbuda	0,788	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..
72 Seicheles	0,785	0,661	15,8	-7	..	..	..	..	0,003 ^{i,j}	0,9 ^{i,j}	34,2 ^{i,j}	2019 N
73 Sri Lanka	0,782	0,676	13,6	-2	0,949	3	0,383	92	0,011	2,9	38,3	2016 ^N
74 Bósnia-Herzegovina	0,780	0,677	13,2	0	0,940	3	0,136	38	0,008 ^h	2,2 ^h	37,9 ^h	2011/2012 ^M
75 São Cristóvão e Neves	0,777	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..
76 Irão (República Islâmica do)	0,774	0,686	11,4	5	0,880	5	0,459	115	..	..	..	..
77 Ucrânia	0,773	0,726	6,1	18	1,012	1	0,200	49	0,001 ^j	0,2 ^j	34,4 ^j	2012 ^M
78 Macedónia do Norte	0,770	0,686	10,9	7	0,945	3	0,134	37	0,001	0,4	38,2	2018/2019 M
79 China	0,768	0,651	15,2	-3	0,984	1	0,192	48	0,016 ^{k,l}	3,9 ^{k,l}	41,4 ^{k,l}	2014 ^{Nna}
80 República Dominicana	0,767	0,618	19,4	-9	1,014	1	0,429	106	0,015 ^j	3,9 ^j	38,9 ^j	2014 ^M
80 Moldávia (República da)	0,767	0,711	7,3	16	1,010	1	0,205	51	0,004	0,9	37,4	2012 ^M
80 Palau	0,767	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..
83 Cuba	0,764	..	..	..	0,961	2	0,303	73	0,003 ^e	0,7 ^e	38,1 ^e	2019 ^M
84 Peru	0,762	0,635	16,7	-3	0,950	2	0,380	90	0,029	7,4	39,6	2018 ^N
85 Arménia	0,759	0,688	9,4	13	1,001	1	0,216	53	0,001	0,2	36,2	2015/2016 D
86 México	0,758	0,621	18,1	-3	0,989	1	0,309	75	0,026 ^h	6,6 ^h	39,0 ^h	2016 ^{Nna}
87 Brasil	0,754	0,576	23,6	-20	0,994	1	0,390	94	0,016 ^{e,j,o}	3,8 ^{e,j,o}	42,5 ^{e,j,o}	2015 ^{Nna}
88 Colômbia	0,752	0,589	21,7	-14	0,984	1	0,424	102	0,020 ^j	4,8 ^j	40,6 ^j	2015/2016 D
89 São Vicente e Granadinas	0,751	..	..	..	0,970	2	0,390	94	..	..	..	..
90 Maldivas	0,747	0,594	20,5	-9	0,925	3	0,348	83	0,003	0,8	34,4	2016/2017 D
91 Argélia	0,745	0,598	19,7	-7	0,880	5	0,499	126	0,005	1,4	39,2	2018/2019 M
91 Azerbaijão	0,745	0,685	8,1	14	0,974	2	0,294	70	..	..	..	..
91 Tonga	0,745	0,666	10,6	11	0,965	2	0,631	160	0,003	0,9	38,1	2019 ^M
91 Turquemenistão	0,745	0,619	16,9	0	0,956	2	0,177	43	0,001 ^f	0,2 ^f	34,0 ^f	2019 ^M
95 Equador	0,740	0,604	18,4	0	0,980	1	0,362	85	0,018 ^e	4,6 ^e	39,9 ^e	2013/2014 ^M
96 Mongólia	0,739	0,644	12,9	10	1,031	2	0,313	76	0,028 ^p	7,3 ^p	38,8 ^p	2018 M
97 Egito	0,731	0,519	29,0	-21	0,882	5	0,443	109	0,020 ^f	5,2 ^f	37,6 ^f	2014 ^D
97 Tunísia	0,731	0,588	19,6	-7	0,931	3	0,259	61	0,003	0,8	36,5	2018 M
99 Ilhas Fiji	0,730	..	..	..	0,931	3	0,318	77	..	..	..	..
99 Suriname	0,730	0,532	27,1	-18	1,001	1	0,427	105	0,011	2,9	39,4	2018 M
101 Usbequistão	0,727	..	..	..	0,944	3	0,227	56	..	..	..	..
102 Domínica	0,720	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..
102 Jordânia	0,720	0,617	14,3	7	0,887	5	0,471	118	0,002	0,4	35,4	2017/2018 D
104 Líbia	0,718	..	..	..	0,975	1	0,259	61	0,007	2,0	37,1	2014 ^P
105 Paraguai	0,717	0,582	18,8	-6	0,990	1	0,445	111	0,019	4,5	41,9	2016 ^M
106 Palestina (Estado da)	0,715	0,584	18,3	-4	0,891	5	..	..	0,002	0,6	35,0	2019/2020 ^M
106 Santa Lúcia	0,715	0,559	21,8	-8	1,011	1	0,381	91	0,007 ^h	1,9 ^h	37,5 ^h	2012 ^M
108 Guiana	0,714	0,591	17,2	3	0,978	1	0,454	114	0,007	1,7	38,8	2019/2020 ^M
109 África do Sul	0,713	0,471	33,9	22	0,944	3	0,405	97	0,025	6,3	39,8	2016 ^D
110 Jamaica	0,709	0,591	16,6	5	0,990	1	0,335	80	0,018 ^h	4,7 ^h	38,7 ^h	2014 ^M
111 Samoa	0,707	0,613	13,3	13	0,957	2	0,418	99	..	..	..	..
112 Gabão	0,706	0,554	21,5	-3	0,908	4	0,541	140	0,070	15,6	44,7	2012 ^D
112 Líbano	0,706	..	..	..	0,882	5	0,432	108	..	..	..	..
114 Indonésia	0,705	0,585	17,0	4	0,941	3	0,444	110	0,014 ^j	3,6 ^j	38,7 ^j	2017 ^D
115 Vietname	0,703	0,602	14,4	14	1,002	1	0,296	71	0,019 ^j	4,9 ^j	39,5 ^j	2013/2014 ^M
Desenvolvimento humano médio												
116 Filipinas	0,699	0,574	17,9	2	0,990	1	0,419	101	0,024 ^j	5,8 ^j	41,8 ^j	2017 ^D
117 Botsuana	0,693	..	..	..	0,981	1	0,468	117	0,073 ^q	17,2 ^q	42,2 ^q	2015/2016 ^M
118 Bolívia (Estado Plurinacional da)	0,692	0,549	20,7	-1	0,964	2	0,418	99	0,038	9,1	41,7	2016 ^M
118 Quirguizistão	0,692	0,627	9,4	23	0,966	2	0,370	87	0,001	0,4	36,3	2018 M
120 Venezuela (República Bolivariana da)	0,691	0,592	14,3	14	0,983	1	0,492	123	..	..	..	..
121 Iraque	0,686	0,554	19,2	4	0,803	5	0,558	145	0,033	8,6	37,9	2018 M
122 Tajiquistão	0,685	0,599	12,6	19	0,909	4	0,285	68	0,029	7,4	39,0	2017 ^D
123 Belize	0,683	0,535	21,7	1	0,975	1	0,364	86	0,017	4,3	39,8	2015/2016 ^M
123 Marrocos	0,683	0,504	26,2	-4	0,861	5	0,425	104	0,027 ^r	6,4 ^r	42,0 ^r	2017/2018 ^P
125 El Salvador	0,675	0,548	18,8	5	0,964	2	0,376	88	0,032	7,9	41,3	2014 ^M
126 Nicarágua	0,667	0,516	22,6	1	0,956	2	0,424	102	0,074	16,5	45,3	2011/2012 ^D
127 Butão	0,666	0,471	29,3	-6	0,937	3	0,415	98	0,175 ^o	37,3 ^o	46,8 ^o	2010 ^M
128 Cabo Verde	0,662	..	..	..	0,981	1	0,349	84	..	..	..	..
129 Bangladesh	0,661	0,503	23,9	0	0,898	5	0,530	131	0,104	24,6	42,2	2019 ^M
130 Tuvalu	0,641	0,541	15,6	8	..	..	..	..	..	..	..	..
131 Ilhas Marshall	0,639	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..
132 Índia	0,633	0,475	25,0	-2	0,849	5	0,490	122	0,123	27,9	43,9	2015/2016 ^D

Continuação →

Classificação do IDH	Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)	IDH Ajustado à Desigualdade (IDHAD)			Índice de Desenvolvimento Humano por Género		Índice de Desigualdade de Género		Índice de Pobreza Multidimensional ^a			
	Valor	Valor	Perda global ^b (%)	Diferença da classificação do IDH ^b	Valor	Grupo ^c	Valor	Classificação	Valor	Contagem de pessoas (%)	Intensidade da privação (%)	Ano e inquérito ^d
	2021	2021	2021	2021	2021	2021	2021	2021	2009-2020	2009-2020	2009-2020	2009-2020
133 Gana	0,632	0,458	27,5	-6	0,946	3	0,529	130	0,111	24,6	45,1	2017/2018 M
134 Micronésia (Estados Federados da)	0,628	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..
135 Guatemala	0,627	0,460	26,6	-3	0,917	4	0,481	121	0,134	28,9	46,2	2014/2015 ⁵
136 Quiribáti	0,624	0,516	17,3	8	..	..	..	..	0,080	19,8	40,5	2018/2019 M
137 Honduras	0,621	0,479	22,9	4	0,960	2	0,431	107	0,093 ^s	20,0 ^s	46,5 ^s	2011/2012 ⁵
138 São Tomé e Príncipe	0,618	0,503	18,6	7	0,907	4	0,494	124	0,048	11,7	40,9	2019 ^M
139 Namíbia	0,615	0,402	34,6	-10	1,004	1	0,445	111	0,185	40,9	45,2	2013 ⁵
140 República Democrática Popular do Laos	0,607	0,459	24,4	1	0,949	3	0,478	120	0,108	23,1	47,0	2017 ^M
140 Timor-Leste	0,607	0,440	27,5	-3	0,917	4	0,378	89	0,222	48,3	45,9	2016 ⁵
140 Vanuatu	0,607	..	..	..	..	..	..	..	..e	..e	..e	..
143 Nepal	0,602	0,449	25,4	0	0,942	3	0,452	113	0,074	17,5	42,5	2019 ^M
144 Essuatíni (Reino de)	0,597	0,424	29,0	-3	0,986	1	0,540	138	0,081	19,2	42,3	2014 ^M
145 Guiné Equatorial	0,596	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..
146 Camboja	0,593	0,479	19,2	11	0,926	3	0,461	116	0,170	37,2	45,8	2014 ⁵
146 Zimbabué	0,593	0,458	22,8	4	0,961	2	0,532	134	0,110	25,8	42,6	2019 ^M
148 Angola	0,586	0,407	30,5	-2	0,903	4	0,537	136	0,282	51,1	55,3	2015/2016 ⁵
149 Mianmar	0,585	..	..	..	0,944	3	0,498	125	0,176	38,3	45,9	2015/2016 ⁵
150 República Árabe da Síria	0,577	..	..	..	0,825	5	0,477	119	0,029 ^s	7,4 ^e	38,9 ^e	2009 ⁵
151 Camarões	0,576	0,393	31,8	-6	0,885	5	0,565	148	0,232	43,6	53,2	2018 ⁵
152 Quênia	0,575	0,426	25,9	3	0,941	3	0,506	128	0,171	37,5	45,6	2014 ⁵
153 Congo	0,571	0,432	24,3	5	0,934	3	0,564	147	0,112	24,3	46,0	2014/2015 ^M
154 Zâmbia	0,565	0,390	31,0	-4	0,965	2	0,540	138	0,232	47,9	48,4	2018 ⁵
155 Ilhas Salomão	0,564	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..
156 Comores	0,558	0,310	44,4	-21	0,891	5	..	..	0,181	37,3	48,5	2012 ⁵
156 Papua-Nova Guiné	0,558	0,397	28,9	0	0,931	3	0,725	169	0,263 ^l	56,6 ^l	46,5 ^l	2016/2018 D
158 Mauritânia	0,556	0,389	30,0	-2	0,890	5	0,632	161	0,261	50,6	51,5	2015 ^M
159 Costa do Marfim	0,550	0,358	34,9	-8	0,887	5	0,613	155	0,236	46,1	51,2	2016 ^M
Desenvolvimento humano baixo												
160 Tanzânia (República Unida da)	0,549	0,418	23,9	8	0,943	3	0,560	146	0,284	57,1	49,8	2015/2016 ⁵
161 Paquistão	0,544	0,380	30,1	0	0,810	5	0,534	135	0,198	38,3	51,7	2017/2018 D
162 Togo	0,539	0,372	31,0	-1	0,849	5	0,580	149	0,180	37,6	47,8	2017 ^M
163 Haiti	0,535	0,327	38,9	-12	0,898	5	0,635	163	0,200	41,3	48,4	2016/2017 ⁵
163 Nigéria	0,535	0,341	36,3	-7	0,863	5	0,680	168	0,254	46,4	54,8	2018 ⁵
165 Ruanda	0,534	0,402	24,7	11	0,954	2	0,388	93	0,259	54,4	47,5	2014/2015 ⁵
166 Benim	0,525	0,334	36,4	-7	0,880	5	0,602	152	0,368	66,8	55,0	2017/2018 D
166 Uganda	0,525	0,396	24,6	9	0,927	3	0,530	131	0,281	57,2	49,2	2016 ⁵
168 Lesoto	0,514	0,372	27,6	5	0,985	1	0,557	144	0,084 ^l	19,6 ^l	43,0 ^l	2018 M
169 Malawi	0,512	0,377	26,4	7	0,968	2	0,554	142	0,252	54,2	46,5	2015/2016 ⁵
170 Senegal	0,511	0,354	30,7	2	0,874	5	0,530	131	0,263	50,8	51,7	2019 ⁵
171 Jibuti	0,509	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..
172 Sudão	0,508	0,336	33,9	-1	0,870	5	0,553	141	0,279	52,3	53,4	2014 ^M
173 Madagáscar	0,501	0,367	26,7	7	0,956	2	0,556	143	0,384	69,1	55,6	2018 M
174 Gâmbia	0,500	0,348	30,4	4	0,924	4	0,611	153	0,204	41,6	49,0	2018 M
175 Etiópia	0,498	0,363	27,1	8	0,921	4	0,520	129	0,367	68,7	53,3	2019 ⁵
176 Eritreia	0,492	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..
177 Guiné-Bissau	0,483	0,306	36,6	-5	0,867	5	0,627	159	0,341	64,4	52,9	2018/2019 M
178 Libéria	0,481	0,330	31,4	2	0,871	5	0,648	164	0,259	52,3	49,6	2019/2020 ⁵
179 Congo (República Democrática do)	0,479	0,341	28,8	7	0,885	5	0,601	151	0,331	64,5	51,3	2017/2018 M
180 Afeganistão	0,478	..	..	..	0,681	5	0,678	167	0,272 ^l	55,9 ^l	48,6 ^l	2015/2016 ⁵
181 Serra Leoa	0,477	0,309	35,2	0	0,893	5	0,633	162	0,293	59,2	49,5	2019 ⁵
182 Guiné	0,465	0,299	35,7	-4	0,850	5	0,621	157	0,373	66,2	56,4	2018 ⁵
183 Iémen	0,455	0,307	32,5	1	0,496	5	0,820	170	0,245	48,5	50,6	2013 ⁵
184 Burquina Fasso	0,449	0,315	29,8	5	0,903	4	0,621	157	0,523	84,2	62,2	2010 ⁵
185 Moçambique	0,446	0,300	32,7	0	0,922	4	0,537	136	0,417	73,1	57,0	2011 ⁵
186 Mali	0,428	0,291	32,0	-2	0,887	5	0,613	155	0,376	68,3	55,0	2018 ⁵
187 Burundi	0,426	0,302	29,1	3	0,935	3	0,505	127	0,409	75,1	54,4	2016/2017 ⁵
188 República Centro-Africana	0,404	0,240	40,6	-3	0,810	5	0,672	166	0,461	80,4	57,4	2018/2019 M
189 Níger	0,400	0,292	27,0	2	0,835	5	0,611	153	0,601	91,0	66,1	2012 ⁵
190 Chade	0,394	0,251	36,3	1	0,770	5	0,652	165	0,517	84,2	61,4	2019 ^M
191 Sudão do Sul	0,385	0,245	36,4	1	0,843	5	0,587	150	0,580	91,9	63,2	2010 ^M
Outros países ou territórios												
.. Coreia (República Popular Democrática da)	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..
.. Mónaco	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..
.. Nauru	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..
.. Somália	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..
Agrupamentos por IDH												
Desenvolvimento humano muito elevado	0,896	0,805	10,2	-	0,986	-	0,155	-	0,002	0,5	36,6	-
Desenvolvimento humano elevado	0,754	0,627	16,8	-	0,973	-	0,329	-	0,016	4,0	40,5	-
Desenvolvimento humano médio	0,636	0,481	24,4	-	0,880	-	0,494	-	0,119	26,7	44,7	-
Desenvolvimento humano baixo	0,518	0,359	30,7	-	0,864	-	0,577	-	0,298	55,6	53,6	-
Países em vias de desenvolvimento	0,685	0,538	21,5	-	0,937	-	0,487	-	0,105	21,7	48,6	-

Continuação →

Classificação do IDH	Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)				Índice de Desenvolvimento Humano por Gênero		Índice de Desigualdade de Gênero		Índice de Pobreza Multidimensional ^a			
	IDH Ajustado à Desigualdade (IDHAD)		Perda global ^b (%)	Diferença da classificação do IDH ^c					Valor	Contagem de pessoas (%)	Intensidade da privação (%)	Ano e inquérito ^d
	Valor	Valor			Valor	Grupo ^e	Valor	Classificação				
Regiões	2021	2021	2021	2021	2021	2021	2021	2021	2009-2020	2009-2020	2009-2020	2009-2020
Estados Árabes	0,708	0,534	24,6	–	0,871	–	0,536	–	0,071	14,5	48,7	–
Ásia Oriental e Pacífico	0,749	0,630	15,9	–	0,978	–	0,337	–	0,023	5,4	42,5	–
Europa e Ásia Central	0,796	0,714	10,3	–	0,961	–	0,227	–	0,004	1,0	38,0	–
América Latina e Caraíbas	0,754	0,601	20,3	–	0,986	–	0,381	–	0,030	6,9	42,8	–
Ásia do Sul	0,632	0,476	24,7	–	0,852	–	0,508	–	0,131	29,0	45,2	–
África Subsaariana	0,547	0,383	30,0	–	0,907	–	0,569	–	0,286	53,4	53,5	–
Países menos desenvolvidos	0,540	0,390	27,8	–	0,894	–	0,562	–	0,278	53,2	52,3	–
Pequenos Estados insulares em vias de desenvolvimento	0,730	0,557	23,7	–	0,962	–	0,461	–	0,111	23,3	47,4	–
Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico	0,899	0,800	11,0	–	0,985	–	0,185	–	0,023	5,9	39,4	–
Mundo	0,732	0,590	19,4	–	0,958	–	0,465	–	0,105	21,7	48,6	–

Notas

- a Nem todos os indicadores estavam disponíveis para todos os países; deve ser usada cautela nas comparações transnacionais. Nos casos em que falta um indicador, a ponderação dos indicadores disponíveis foi ajustada para totalizar 100 por cento. Para mais pormenores, ver *Nota técnica 5* em http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2022_technical_notes.pdf for details.
- b Com base nos países para os quais foi calculado o valor do Índice de Desenvolvimento Humano Ajustado à Desigualdade.
- c Os países estão classificados em cinco grupos, por desvio absoluto da paridade de gênero nos valores do IDH.
- d *D* indica que os dados são de Inquéritos sobre Demografia e Saúde, *M* indica que os dados são de Inquéritos de Grupo para Indicadores Múltiplos, *N* indica que os dados são de inquéritos nacionais e *P* indica que os dados são do Inquérito Pan-árabes sobre População e Saúde Familiar (consultar a lista de inquéritos nacionais em <http://hdr.undp.org/en/mpi-2021-faq>).
- e Tem em conta as mortes infantis ocorridas em qualquer momento, dado que o inquérito não recolheu a data das mortes infantis.
- f Falta o indicador sobre combustível para cozinhar.
- g Dada a elevada proporção de crianças excluídas dos indicadores nutricionais devido à não realização de medições, as estimativas baseadas no Inquérito de Grupos de Indicadores Múltiplos de 2019 da Sérvia devem ser interpretadas com cautela. O tamanho da amostra não ponderada utilizada para o cálculo da pobreza multidimensional é de 82,8%.
- h Falta o indicador sobre mortalidade infantil.
- i Falta o indicador sobre escolaridade.
- j Falta o indicador sobre nutrição.
- k Dadas as informações disponíveis nos dados, a mortalidade infantil foi calculada com base nas mortes ocorridas entre os inquéritos — isto é, entre 2012 e 2014. As mortes infantis comunicadas por um homem adulto do agregado familiar foram tidas em conta, uma vez que a data da morte foi comunicada.
- l Falta o indicador sobre habitação.
- m Com base na versão dos dados acedida em 7 de junho de 2016.
- n As estimativas do Índice de Pobreza Multidimensional baseiam-se no Inquérito Nacional sobre Saúde e Nutrição de 2016. As estimativas baseadas no Inquérito de Grupos de Indicadores Múltiplos de 2015 são de 0,010 para o valor do Índice de Pobreza Multidimensional, de 2,6 para a contagem de pessoas em situação de pobreza multidimensional, de 3.207.000 para a contagem de pessoas em situação de pobreza multidimensional no ano do inquérito, de 3.317.000 para a contagem de pessoas em situação de pobreza multidimensional projetada para 2019, de 40,2 para a intensidade da privação, de 0,4 para a população em pobreza multidimensional grave, de 6,1 para a população vulnerável à pobreza multidimensional, de 39,9 para a contribuição das privações de saúde, de 23,8 para a contribuição das privações de educação e de 36,3 para a contribuição das privações de padrões de vida.

- o A metodologia foi ajustada para ter em conta o indicador em falta sobre a nutrição e o indicador incompleto sobre a mortalidade infantil (o inquérito não recolheu a data das mortes infantis).
- o O indicador sobre saneamento obedece à classificação nacional, na qual as latrinas convencionais com lajes se consideram não melhoradas.
- q O indicador sobre mortalidade infantil reflete, unicamente, os óbitos de crianças com uma idade inferior a 5 anos falecidas nos cinco anos anteriores e os óbitos de crianças com 12-18 anos de idade falecidas nos dois anos anteriores.
- r Na sequência do relatório nacional, as latrinas são consideradas uma fonte melhorada para o indicador saneamento.
- s Falta o indicador sobre eletricidade.

Definições

Índice de Desenvolvimento Humano (IDH): Um índice composto que mede as realizações médias em três dimensões básicas do desenvolvimento humano: uma vida longa e saudável, o conhecimento e um padrão de vida digno. Para mais pormenores sobre o cálculo do IDH, ver *Nota técnica 1* em http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2022_technical_notes.pdf.

IDH Ajustado à Desigualdade (IDHAD): O valor do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) ajustado à desigualdade nas três dimensões básicas do desenvolvimento humano. Para mais pormenores sobre o cálculo do IDHAD, ver *Nota técnica 2* em http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2022_technical_notes.pdf.

Perda global: Diferença percentual entre o valor do IDHAD e o valor do IDH.

Diferença da classificação do IDH: Diferença nas classificações do IDHAD e do IDH

Índice de Desenvolvimento Humano por Gênero: Valores do rácio feminino/masculino do IDH. Para mais pormenores sobre o cálculo do Índice de Desenvolvimento Humano por Gênero, ver *Nota técnica 3* em http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2022_technical_notes.pdf.

Grupos do Índice de Desenvolvimento Humano por Gênero: Os países estão classificados em cinco grupos, por desvio absoluto da paridade de gênero nos valores do IDH. Grupo 1: países com uma igualdade elevada entre homens e mulheres em matéria de resultados do IDH, com um desvio absoluto inferior a 2,5%; Grupo 2: países com uma igualdade média-baixa entre homens e mulheres em matéria de resultados do IDH, com um desvio absoluto entre 2,5% e 5%; Grupo 3: países com uma igualdade média entre homens e mulheres em matéria de resultados do IDH, com um desvio absoluto entre 5% e 7,5%; Grupo 4: países com uma igualdade média-baixa entre homens e mulheres em matéria de resultados do IDH, com um desvio absoluto entre 7,5% e 10%; Grupo 5: países com uma igualdade reduzida entre homens e mulheres em matéria de resultados do IDH, com um desvio absoluto superior a 10%.

Índice de Desigualdade de Gênero: Uma medida composta que reflete a desigualdade de realização entre mulheres e homens em três dimensões: saúde reprodutiva, capacitação e

mercado de trabalho. Para mais pormenores sobre o cálculo do Índice de Desigualdade de Gênero, ver *Nota técnica 4* em http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2022_technical_notes.pdf.

Índice de Pobreza Multidimensional: Percentagem da população que é multidimensionalmente pobre ajustada pela intensidade das privações. Para mais pormenores sobre o cálculo do Índice de Pobreza Multidimensional, ver *Nota técnica 5* em http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2022_technical_notes.pdf.

Contagem de pessoas em situação de pobreza multidimensional: População com uma pontuação de privações de, pelo menos, 33%. Expressa em percentagem da população no ano do inquérito, número de pessoas multidimensionalmente pobres no ano do inquérito e número projetado de pessoas multidimensionalmente pobres em 2019.

Intensidade da privação da pobreza multidimensional: A pontuação média de privações sentidas pelas pessoas em estado de pobreza multidimensional.

Fontes de dados principais

Coluna 1: Cálculos GRDH baseados nos dados de Barro e Lee (2018), FMI (2022), DAESNU (2022a), Instituto de Estatística da UNESCO (2022), DENU (2022) e Banco Mundial (2022).

Coluna 2: Calculado como a média geométrica dos valores do índice de esperança de vida ajustado à desigualdade, do índice de educação ajustado à desigualdade e do índice de rendimento ajustado à desigualdade, utilizando a metodologia descrita na *Nota Técnica 2* (disponível em http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2022_technical_notes.pdf).

Coluna 3: Cálculos baseados nos dados das colunas 1 e 2.

Coluna 4: Cálculos baseados nos valores de IDHAD e nas classificações de IDH recalculadas dos países para os quais é calculado um valor de IDHAD.

Coluna 5: Cálculos GRDH baseados nos dados de Barro e Lee (2018), OIT (2022), FMI (2022), DAESNU (2022a), Instituto de Estatística da UNESCO (2022), UNICEF Inquéritos de Grupo para Indicadores Múltiplos e OMS, UNICEF, FNUAP, Grupo do Banco Mundial e Divisão de População das Nações Unidas (2019).

Coluna 6: Cálculos baseados nos dados da coluna 5.

Coluna 7: Cálculos GRDH baseados nos dados de Barro e Lee (2018), ICF Macro Demographic and Health Surveys, OIT (2022), UIP (2022), OCDE (2022), DAESNU (2022a), Instituto de Estatística da UNESCO (2022), UNICEF Inquéritos de Grupo para Indicadores Múltiplos e OMS, UNICEF, FNUAP, Grupo do Banco Mundial e Divisão de População das Nações Unidas (2019).

Coluna 8: Cálculos baseados nos dados da coluna 7.

Colunas 9-11: Os cálculos do GRDH e do OPHI com base em dados sobre as carências dos agregados familiares em matéria de saúde, educação e nível de vida, provenientes de vários inquéritos enumerados na coluna 12, utilizando a metodologia descrita em *Nota técnica 5* (disponível em http://hdr.undp.org/sites/default/files/mpi2022_technical_notes.pdf).

Coluna 12: Referente ao ano e ao inquérito cujos dados foram utilizados para calcular o valor do Índice de Pobreza Multidimensional do país e os seus componentes.

Referências

- Ahir, H., Bloom, N., e Furceri, D. 2018. «The World Uncertainty Index» <https://ssrn.com/abstract=3275033>.
- Andrew, A., Cattan, S., Costa Dias, M., Farquharson, C., Kraftman, L., Krutikova, S., Phimister, A., e Sevilla, A. 2020. «The Gendered Division of Paid and Domestic Work under Lockdown». Documento de discussão 13500, IZA – Institute of Labor Economics, Bona, Alemanha. <https://ftp.iza.org/dp13500.pdf>
- Angelou, M. 1993. *Wouldn't Take Nothing for My Journey Now*. Nova Iorque: Random House.
- Anis, F., e White, J. 2017. "The Meena Communicative Initiative in Bangladesh." Em Plows, V., e Whitburn, B., (eds.), *Inclusive Education: Making Sense of Everyday Practice*. Roterão, Países Baixos: Sense Publishers.
- Autor, D., Salomons, A., e Seegmiller, B. 2021. "New Frontiers: The Origins and Content of New Work, 1940–2018." Documento de trabalho, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, MA.
- Baek, M., DiMaio, F., Anishchenko, I., Dauparas, J., Ovchinnikov, S., Lee, G. R., Wang, J., e outros. 2021. "Accurate Prediction of Protein Structures and Interactions Using a Three-Track Neural Network." *Science* 373(6557): 871–876.
- Baldassarri, D., and Page, S. E. 2021. "The Emergence and Perils of Polarization." *Proceedings of the National Academy of Sciences* 118(50): e2116863118.
- Barro, R. J., e Lee, J. W. 2018. Dataset of Educational Attainment, Revisão de junho de 2018. <http://www.baro-lee.com>. Acedido em 7 de abril de 2022.
- Bauer, A. M., Edgeworth, M., Edwards, L. E., Ellis, E. C., Gibbard, P., e Merritts, D. J. 2021. "Anthropocene: Event or Epoch?" *Nature* 597(7876): 332.
- BIS (Banco de Pagamentos Internacionais). 2021. *Climate-Related Financial Risks—Measurement Methodologies*. Basel, Suíça.
- Black, R., Busby, J., Dabelko, G. D., de Coning, C., Maalim, H., McAllister, C., Ndiloseh, M. e outros. 2022. *Environment of Peace: Security in a New Era of Risk*. Estocolmo, Instituto de Investigação para a Paz Internacional de Estocolmo.
- Boese, V. A., Alizada, N., Lundstedt, M., Morrison, K., Natsika, N., Sato, Y., Tai, H., e Lindberg, S. I. 2022. *Democracy Report 2022: Autocratization Changing Nature?* Gothenburg, Suécia: Varieties of Democracy Institute at the University of Gothenburg.
- Bollen, J., Ten Thij, M., Breithaupt, F., Barron, A. T., Rutter, L. A., Lorenzo-Luaces, L., e Scheffer, M. 2021. "Historical Language Records Reveal a Surge of Cognitive Distortions in Recent Decades." *Proceedings of the National Academy of Sciences* 118(30): e2102061118.
- Brynjolfsson, E. 2022. "The Turing Trap: The Promise & Peril of Human-Like Artificial Intelligence." *Daedalus* (Spring 2022).
- Clark, W. C. e Harley, A. G. 2020. "Sustainability Science: Toward a Synthesis." *Annual Review of Environment and Resources* 45(1): 331-386.
- Connolly, E. J., e Jackson, D. B. 2019. "Adolescent Gang Membership and Adverse Behavioral, Mental Health, and Physical Health Outcomes in Young Adulthood: A within-Family Analysis." *Criminal Justice and Behavior* 46(11): 1566–1586.
- De Coning, C. 2018. "Adaptive Peacebuilding." *International Affairs* 94(2): 301-317.
- Demeke, H. B., Merali, S., Marks, S., Pao, L. Z., Romero, L., Sandhu, P., Clark, H., e outros. 2021. "Trends in Use of Telehealth among Health Centers During the Covid-19 Pandemic — United States, June 26 – November 6, 2020." *Morbidity and Mortality Weekly Report* 70(7): 240–244.
- Diamond, L. 2015. "Facing up to the Democratic Recession." *Journal of Democracy* 26(1): 141–155.
- Etheridge, B., e Spantig, L. 2020. "The Gender Gap in Mental Well-Being During the Covid-19 Outbreak: Evidence from the UK." Série de documentos de trabalho do ISER 2020-08, Instituto de Investigação Social e Económica, Colchester, Reino Unido. https://lisaspantig.com/wp-content/uploads/UK_gendergap_covidecon.pdf.
- FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura), FIDA (Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola), UNICEF (Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância), PAM (Programa Alimentar Mundial) e OMS (Organização Mundial da Saúde). 2021. *The State of Food Security and Nutrition in the World 2021: Transforming Food Systems for Affordable Healthy Diets*. Roma.
- Folke, C., Polasky, S., Rockström, J., Galaz, V., Westley, F., Lamont, M., Scheffer, M. e outros. 2021. "Our Future in the Anthropocene Biosphere." *Ambio* 50(4): 834–869.
- Geraci, A., Nardotto, M., Reggiani, T., e Sabatini, F. 2018. "Broadband Internet and Social Capital." Documento de discussão 11855, IZA – Institute of Labor Economics, Bona, Alemanha. <https://ftp.iza.org/dp11855.pdf>.
- Gill, I., e Saavedra, J. 2022. "We Are Losing a Generation. The Devastating Impacts of Covid-19." Voice [blog], 1 de fevereiro. <https://blogs.worldbank.org/voices/we-are-losing-generation-devastating-impacts-covid-19>. Acedido em 6 de maio de 2022.
- Guterres, A. 2021. "Secretary-General's Statement on the IPCC Working Group 1 Report on the Physical Science Basis of the Sixth Assessment." 9 de agosto. <https://www.un.org/sg/en/content/secretary-general-s-statement-the-ipcc-working-group-1-report-the-physical-science-basis-of-the-sixth-assessment>. Acedido em 24 de agosto de 2022.
- Guterres, A. 2022a. "Remarks at the Launch of the Second Brief by the Global Crisis Response Group." 8 de junho. <https://www.un.org/sg/en/content/sg/speeches/2022-06-08/secretary-generals-remarks-the-launch-of-the-second-brief-the-global-crisis-response-group>. Acedido em 24 de agosto de 2022.
- Guterres, A. 2022b. "Remarks to the Global Food Security Call to Action Ministerial." 18 de maio. <https://www.un.org/sg/en/content/sg/statement/2022-05-18/secretary-generals-remarks-the-global-food-security-call-action-ministerial-delivered>. Acedido em 24 de agosto de 2022.
- Haelermans, C., Korthals, R., Jacobs, M., de Leeuw, S., Vermeulen, S., van Vugt, L., Aarts, B., e outros. 2022. "Sharp Increase in Inequality in Education in Times of the Covid-19 Pandemic." *PLOS ONE* 17(2): e0261114.
- Hammad, M., Bacil, F. e Soares, F. V. 2021. *Next Practices — Innovations in the COVID-19 Social Protection Responses and Beyond*. Relatório de Investigação 60. Nova Iorque e Brasília: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo.
- Hammarberg, K., Tran, T., Kirkman, M., e Fisher, J. 2020. "Sex and Age Differences in Clinically Significant Symptoms of Depression and Anxiety among People in Australia in the First Month of Covid-19 Restrictions: A National Survey." *The BMJ* 10(11): e042696.
- Hinrichs, K. 2021. "Recent Pension Reforms in Europe: More Challenges, New Directions. An Overview." *Social Policy & Administration* 55(3): 409–422.
- Hoff, K., e Walsh, J. S. 2019. "The Third Function of Law Is to Transform Cultural Categories." Documento de trabalho de investigação de políticas 8954, Banco Mundial, Washington, DC.
- Hughes, T. P., Anderson, K. D., Connolly, S. R., Heron, S. F., Kerry, J. T., Lough, J. M., Baird, A. H. e outros. 2018. "Spatial and Temporal Patterns of Mass Bleaching of Corals in the Anthropocene." *Science* 359(6371): 80–83.

- Hyde, S. D. 2020. "Democracy's Backsliding in the International Environment." *Science* 369(6508): 1192-1196.
- OIT (Organização Internacional do Trabalho). 2018. "Social Protection for Older Persons: Policy Trends and Statistics 2017–19". Social Protection Policy Paper 17. Genebra.
- OIT (Organização Internacional do Trabalho). 2022. Base de dados ILOSTAT. <https://ilostat.ilo.org/data/>. Acedido em 14 de abril de 2022.
- FMI (Fundo Monetário Internacional). 2021a. "Fiscal Monitor October 2021: Strengthening the Credibility of Public Finances." Washington, DC.
- FMI (Fundo Monetário Internacional). 2021b. Base de dados World Economic Outlook. <http://www.imf.org/en/Publications/WEO/weo-database/2021/October>. Acedido em 21 de abril de 2022.
- FMI (Fundo Monetário Internacional). 2022. Base de dados World Economic Outlook. <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/weo-database/2022/April>. Acedido em 21 de abril de 2022.
- IPBES (Plataforma Intergovernamental Científica e Política sobre a Biodiversidade e os Serviços Ecossistêmicos). 2019a. *Global Assessment Report on Biodiversity and Ecosystem Services of the Intergovernmental Science-Policy Platform on Biodiversity and Ecosystem Services*. Bona, Alemanha. <https://doi.org/10.5281/zenodo.3831673>.
- IPBES (Plataforma Intergovernamental Científica e Política sobre a Biodiversidade e os Serviços Ecossistêmicos). 2019b. *Summary for Policymakers of the Global Assessment Report on Biodiversity and Ecosystem Services of the Intergovernmental Science-Policy Platform on Biodiversity and Ecosystem Services*. Bona, Alemanha.
- PIAC (Painel Intergovernamental sobre as Alterações Climáticas). 2021. *Climate Change 2021: The Physical Science Basis: Summary for Policymakers*. Genebra.
- UIP (União Interparlamentar) 2022. Base de dados Parline: Percentagem mensal de mulheres nos parlamentos nacionais. <https://data.ipu.org/women-ranking>. Acedido em 14 de abril de 2022.
- Jenner, L. C., Rotchell, J. M., Bennett, R. T., Cowen, M., Tentzeris, V. e Sadofsky, L. R. 2022. "Detection of Microplastics in Human Lung Tissue Using μ FTIR Spectroscopy." *Science of the Total Environment* 831: 154907.
- Kimbrough, K. 2021. "These Are the Sectors Where Green Jobs Are Growing in Demand." <https://www.weforum.org/agenda/2021/09/sectors-where-green-jobs-are-growing-in-demand/>. Acedido em 24 de agosto de 2022.
- The Lancet Global Health. 2020. "Editorial: Mental Health Matters." *The Lancet Global Health* 8(11): E1352.
- Levin, A. T., Owusu-Boaitey, N., Pugh, S., Fosdick, B. K., Zwi, A. B., Malani, A., Soman, S. e outros. 2022. "Assessing the Burden of Covid-19 in Developing Countries: Systematic Review, Meta-Analysis and Public Policy Implications." *BMJ Global Health* 7(5): e008477.
- Mach, K. J., and Field, C. B. 2017. "Toward the Next Generation of Assessment." *Annual Review of Environment and Resources* 42: 569–597.
- Maguen, S., Metzler, T. J., Litz, B. T., Seal, K. H., Knight, S. J., e Marmar, C. R. 2009. "The Impact of Killing in War on Mental Health Symptoms and Related Functioning." *Journal of Traumatic Stress* 22(5): 435–443.
- Mathieu, E., Ritchie, H., Ortiz-Ospina, E., Roser, M., Hasell, J., Appel, C., Giattino, C. e Rodés-Guirao, L. 2021. "A Global Database of Covid-19 Vaccinations." *Nature Human Behavior* 5: 947–953.
- Newson, J., Pastukh, V., Sukhoi, O., Taylor, J., e Thiagarajan, T. 2021. *Mental State of the World 2020*. Sapien Labs. <https://sapienlabs.org/wp-content/uploads/2021/03/Mental-State-of-the-World-Report-2020-1.pdf>.
- Nydegger, L. A., Quinn, K., Walsh, J. L., Pacella-Labara, M. L., e Dickson-Gomez, J. 2019. "Polytraumatization, Mental Health, and Delinquency among Adolescent Gang Members." *Journal of Traumatic Stress* 32(6): 890–898.
- OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico). 2022. OCDE.Stat. <https://stats.oecd.org>. Acedido em 7 de abril de 2022.
- Okonjo-Iweala, N., Shanmugaratnam, T., e Summers, L. H. 2021. "Rethinking Multilateralism for a Pandemic Era." *Finance & Development*, dezembro: 4-9.
- Ord, T. 2020. *The Precipice: Existential Risk and the Future of Humanity*. Abingdon, Reino Unido: Bloomsbury.
- Osman, S., e Wood, J. 2018. "Gang Membership, Mental Illness, and Negative Emotionality: A Systematic Review of the Literature." *International Journal of Forensic Mental Health* 17(3): 223–246.
- Østby, G., Aas Rustad, S., e Arasmith, A. 2021. "Children Affected by Armed Conflict 1990 - 2020." Conflict Trends 4, Instituto de Investigação para a Paz Oslo, Oslo.
- PAHO (Organização Pan-Americana da Saúde). 2019. "Mental Health Problems Are the Leading Cause of Disability Worldwide, Say Experts at PAHO Directing Council Side Event." https://www3.paho.org/hq/index.php?option=com_content&view=article&id=15481:mental-health-problems-are-the-leading-cause-of-disability-worldwide-say-experts-at-paho-directing-council-side-event&Itemid=72565&lang=en. Acedido em 25 de junho de 2022.
- Palozzi, G., Schettini, I., e Chirico, A. 2020. "Enhancing the Sustainable Goal of Access to Healthcare: Findings from a Literature Review on Telemedicine Employment in Rural Areas." *Sustainability* 12(8): 3318.
- Payne, B., e Bellamy, R. 2014. "Novel Respiratory Viruses: What Should the Clinician Be Alert For?" *Clinical Medicine* 14(6): s12–s16.
- Pereira, L., Frantzeskaki, N., Hebinck, A., Charli-Joseph, L., Drimie, S., Dyer, M., Eakin, H., e outros. 2020. "Transformative Spaces in the Making: Key Lessons from Nine Cases in the Global South." *Sustainability Science* 15(1): 161–178.
- Pinto, P., Hammond, D., Killelea, S., e Etchell, A. 2021. "The Paradox of Progress with Polarisation". Documento de referência para o Relatório do Desenvolvimento Humano de 2021/2022, PNUD–GRDH, Nova Iorque.
- Polak, S., e Trottier, D., (eds.) 2020. *Violence and Trolling on Social Media: History, Affect, and Effects of Online Vitriol*. Amsterdão: Amsterdam University Press B.V.
- Pörtner, H. O., Scholes, R. J., Agard, J., Archer, E., Arneth, A., Bai, X., Barnes, D., e outros. 2021. "IPBES-IPCC Co-Sponsored Workshop Report on Biodiversity and Climate Change." Plataforma Intergovernamental Científica e Política sobre a Biodiversidade e os Serviços Ecossistêmicos, Bona, Alemanha, e Painel Intergovernamental sobre as Alterações Climáticas, Genebra. https://ipbes.net/sites/default/files/2021-06/20210609_workshop_report_embargo_3pm_CEST_10_june_0.pdf.
- Potts, L. C., e Henderson, C. 2021. "Evaluation of Anti-Stigma Social Marketing Campaigns in Ghana and Kenya: Time to Change Global." *BMC Public Health* 21: 886.
- Power, K. 2020. "The Covid-19 Pandemic Has Increased the Care Burden of Women and Families." *Sustainability: Science, Practice and Policy* 16(1): 67-73.
- Reinhart, C., e Graf von Luckner, C. 2022. "The Return of Global Inflation." Voices from the Third World [blog], 14 de fevereiro. <https://blogs.worldbank.org/voices/return-global-inflation>. Acedido em 24 de agosto de 2022.
- Saavedra, J. 2021. "A Silent and Unequal Education Crisis: And the Seeds for Its Solution." Education for Global Development [blog], 5 de janeiro. <https://blogs.worldbank.org/education/silent-and-unequal-education-crisis-and-seeds-its-solution>. Acedido em 24 de agosto de 2022.
- Satake, K. 2014. "Advances in Earthquake and Tsunami Sciences and Disaster Risk Reduction since the 2004 Indian Ocean Tsunami." *Geoscience Letters* 1: 15.
- Seedat, S., e Rondon, M. 2021. "Women's Wellbeing and the Burden of Unpaid Work." *The BMJ* 374: n1972.
- Shiller, R. J. 2019. "Narrative Economics." Cowles Foundation Documento de discussão 2069, Yale University, Cowles Foundation for Research in Economics, New Haven, CT.
- Sonter, L. J., Dade, M. C., Watson, J. E. M., e Valenta, R. K. 2020. "Renewable Energy Production Will Exacerbate Mining Threats to Biodiversity." *Nature Communications* 11(1): 1-6.
- Statista. 2022. "Number of Smartphone Subscriptions Worldwide from 2016 to 2027." <https://www.statista.com/statistics/330695/number-of-smartphone-users-worldwide/>. Acedido em 13 de julho de 2022.
- Toor, J., Echeverria-Londono, S., Li, X., Abbas, K., Carter, E. D., Clapham, H. E., Clark, A., e outros. 2021. "Lives Saved with Vaccination for 10 Pathogens across 112 Countries in a Pre-Covid-19 World." *Elife* 10.
- Tunyasyuvunakool, K., Adler, J., Wu, Z., Green, T., Zielinski, M., Židek, A., Bridgland, A., e outros. 2021. "Highly Accurate Protein Structure Prediction for the Human Proteome." *Nature* 596(7873): 590–596.

Grupo Mundial de Resposta à Crise da ONU sobre Alimentação, Energia e Finanças. 2022. "Global Impact of the War in Ukraine: Billions of People Face the Greatest Cost-of-Living Crisis in a Generation." Dossier 2, Nova Iorque.

ONU Mulheres (Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Género e o Empoderamento das Mulheres). 2021a. *Measuring the Shadow Pandemic: Violence against Women During Covid-19*. Nova Iorque.

ONU Mulheres (Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Género e o Empoderamento das Mulheres). 2021b. "Surveys Show That Covid-19 Has Gendered Effects in Asia and the Pacific." <https://data.unwomen.org/resources/surveys-show-covid-19-has-gendered-effects-asia-and-pacific>. Acedido em 1 de outubro de 2021.

DAESNU (Departamento de Assuntos Económicos e Sociais das Nações Unidas). 2022a. *World Economic Situation and Prospects 2022*. Nova Iorque. <https://www.un.org/development/desa/dpad/publication/world-economic-situation-and-prospects-2022/>. Acedido em 4 de maio de 2022.

DAESNU (Departamento de Assuntos Económicos e Sociais das Nações Unidas). 2022b. *World Population Prospects: The 2022 Revision*. Nova Iorque. <https://population.un.org/wpp/>. Acedido em 11 de julho de 2022.

PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). 2019. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2019: Além do Rendimento, Além das Médias, Além do Presente: Desigualdades no Desenvolvimento Humano no Século XXI*. Nova Iorque.

PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). 2020. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2020: A Próxima Fronteira: O desenvolvimento humano e o Antropoceno*. Nova Iorque.

PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). 2022. *New Threats to Human Security in the Anthropocene: Demanding Greater Solidarity*. Nova Iorque.

Instituto de Estatística da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a

Cultura). 2022. UIS Developer Portal, Bulk Data Download Service. <https://apiportal.uis.unesco.org/bdds>. Acedido em 28 de abril de 2022.

ACNUR (Agência das Nações Unidas para os Refugiados). 2022. "ACNUR: Ukraine Other Conflicts Push Forcibly Displaced Total over 100 Million for the First Time." Comunicado de imprensa, 23 de maio. <https://www.unhcr.org/news/press/2022/5/628a389e4/unhcr-ukraine-other-conflicts-push-forcibly-displaced-total-100-million.html>. Acedido em 25 de julho de 2022.

UNICEF (Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância). 2020. "Averting a Lost Covid Generation: A Six Point Plan to Respond, Recover and Reimagine a Post-Pandemic World for Every Child." Nova Iorque.

UNSD (Divisão de Estatística das Nações Unidas). 2022. National Accounts Main Aggregates Database. <http://unstats.un.org/unsd/snaama>. Acedido em 27 de abril de 2022.

van Panhuis, W. G., Grefenstette, J., Jung, S. Y., Chok, N. S., Cross, A., Eng, H., Lee, B. Y., e outros. 2013. "Contagious Diseases in the United States from 1888 to the Present." *New England Journal of Medicine* 369(22): 2152–2158.

Wade, M., Prime, H., Johnson, D., May, S. S., Jenkins, J. M., and Browne, D. T. 2021. "The Disparate Impact of Covid-19 on the Mental Health of Female and Male Caregivers." *Social Science & Medicine* 275: 113801.

Wagner-Pacifi, R. 2017. *What Is an Event?* Chicago, IL: University of Chicago Press.

Watson, B., e Osberg, L. 2017. "Healing and/or Breaking? The Mental Health Implications of Repeated Economic Insecurity." *Social Science & Medicine* 188: 119–127.

Watson, O. J., Barnsley, G., Toor, J., Hogan, A. B., Winskill, P., and Ghani, A. C. 2022. "Global Impact of the First Year of Covid-19 Vaccination: A Mathematical Modelling Study." *The Lancet Infectious Diseases*.

Weiss, B. 2022. "Why the Past 10 Years of American Life Have Been Uniquely Stupid." *The Atlantic*, 11 de abril.

OMS (Organização Mundial da Saúde). 2022a. "Mental Health and Covid-19: Early Evidence of the Pandemic's Impact." Dossier científico. <https://www.who.int/publications/i/item/WHO-2019-nCoV-Sci-Brief-Mental-health-2022.1> Acedido em 3 de março de 2022.

OMS (Organização Mundial da Saúde). 2022b. *World Mental Health Report: Transforming Mental Health for All*. Genebra. <https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338>. Acedido em 22 de junho de 2022.

Organização Mundial da Saúde (OMS), Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), Fundo das Nações Unidas para a População (FNUAP), Grupo do Banco Mundial e Divisão da População das Nações Unidas. 2019. *Trends in Maternal Mortality: 2000 to 2017: Estimativa de OMS, UNICEF, FNUAP, Grupo do Banco Mundial e Divisão de População das Nações Unidas*. Genebra: Organização Mundial da Saúde. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/327596>. Acedido em 7 de abril de 2022.

Banco Mundial. 2022. Base de dados de Indicadores de Desenvolvimento Mundial. Washington, DC.

Xue, B., e McMunn, A. 2021. "Gender Differences in Unpaid Care Work and Psychological Distress in the UK Covid-19 Lockdown." *PLOS ONE* 16(3).

Youngs, R. 2020. "Introduction." Em *Global Civil Society in the Shadow of Coronavirus*. Washington, DC: Carnegie Endowment for International Peace.

Zaremba, H. 2022. "John Kerry: Green Transition Will Be Bigger Than the Industrial Revolution." *Oilprice.com*. <https://oilprice.com/Energy/Energy-General/John-Kerry-Green-Transition-Will-Be-Bigger-Than-The-Industrial-Revolution.html>. Acedido em 24 de agosto de 2022.

Zeifman, I. 2017. "Bot Traffic Report 2016." <https://www.imperva.com/blog/bot-traffic-report-2016/>. Acedido em 8 de junho de 2022.

Zuboff, S. 2019. *The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*. Nova Iorque: PublicAffairs.

CHAVE PARA AS CLASSIFICAÇÕES DO ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO, 2021

Afganistão	180	República Dominicana	80	Libéria	178	Santa Lúcia	106
Albânia	67	Equador	95	Libia	104	São Vicente e Granadinas	89
Argélia	91	Egito	97	Listenstaine	16	Samoa	111
Andorra	40	El Salvador	125	Lituânia	35	São Marino	44
Angola	148	Guiné Equatorial	145	Luxemburgo	17	São Tomé e Príncipe	138
Antígua e Barbuda	71	Eritreia	176	Madagáscar	173	Arábia Saudita	35
Argentina	47	Estónia	31	Malaui	169	Senegal	170
Arménia	85	Essuatíni (Reino de)	144	Malásia	62	Sérvia	63
Austrália	5	Etiópia	175	Maldivas	90	Seicheles	72
Áustria	25	Ilhas Fiji	99	Mali	186	Serra Leoa	181
Azerbaijão	91	Finlândia	11	Malta	23	Singapura	12
Bahamas	55	França	28	Ilhas Marshall	131	Eslováquia	45
Barém	35	Gabão	112	Mauritânia	158	Eslovénia	23
Bangladeche	129	Gâmbia	174	Maurícia	63	Ilhas Salomão	155
Barbados	70	Geórgia	63	México	86	Somália	
Bielorrússia	60	Alemanha	9	Micronésia (Estados Federados da)	134	África do Sul	109
Bélgica	13	Gana	133	Moldávia (República da)	80	Sudão do Sul	191
Belize	123	Grécia	33	Mónaco		Espanha	27
Benim	166	Granada	68	Mongólia	96	Sri Lanca	73
Butão	127	Guatemala	135	Montenegro	49	Sudão	172
Bolívia (Estado Plurinacional da)	118	Guiné	182	Marrocos	123	Suriname	99
Bósnia-Herzegovina	74	Guiné-Bissau	177	Moçambique	185	Suécia	7
Botsuana	117	Guiana	108	Mianmar	149	Suíça	1
Brasil	87	Haiti	163	Namíbia	139	República Árabe da Síria	150
Brunei Darussalā	51	Honduras	137	Nauru		Tajiquistão	122
Bulgária	68	Hong Kong, China (RAE)	4	Nepal	143	Tanzânia (República Unida da)	160
Burquina Fasso	184	Hungria	46	Países Baixos	10	Tailândia	66
Burundi	187	Islândia	3	Nova Zelândia	13	Timor-Leste	140
Cabo Verde	128	Índia	132	Nicarágua	126	Togo	162
Camboja	146	Indonésia	114	Níger	189	Tonga	91
Camarões	151	Irão (República Islâmica do)	76	Nigéria	163	Trindade e Tobago	57
Canadá	15	Iraque	121	Macedónia do Norte	78	Tunísia	97
República Centro-Africana	188	Irlanda	8	Noruega	2	Turquia	48
Chade	190	Israel	22	Omã	54	Turquemenistão	91
Chile	42	Itália	30	Paquistão	161	Tuvalu	130
China	79	Jamaica	110	Palau	80	Uganda	166
Colômbia	88	Japão	19	Palestina (Estado da)	106	Ucrânia	77
Comores	156	Jordânia	102	Panamá	61	Emirados Árabes Unidos	26
Congo	153	Cazaquistão	56	Papua-Nova Guiné	156	Reino Unido	18
Congo (República Democrática do)	179	Quénia	152	Paraguai	105	Estados Unidos	21
Costa Rica	58	Quiribáti	136	Peru	84	Uruguai	58
Costa do Marfim	159	Coreia (República Popular Democrática da)		Filipinas	116	Usbequistão	101
Croácia	40	Coreia (República da)	19	Polónia	34	Vanuatu	140
Cuba	83	Koweit	50	Portugal	38	Venezuela (República Bolivariana da)	120
Chipre	29	Quirguizistão	118	Catar	42	Vietname	115
Chéquia	32	República Democrática Popular do Laos	140	Roménia	53	Iémen	183
Dinamarca	6	Letónia	39	Federação Russa	52	Zâmbia	154
Jibuti	171	Libano	112	Ruanda	165	Zimbabué	146
Dominica	102	Lesoto	168	São Cristóvão e Neves	75		



Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
One United Nations Plaza New York,
NY 10017
www.undp.org